

O MANUAL ESCOLAR: UMA FALSA EVIDÊNCIA HISTÓRICA¹

Alain Choppin

Tradução: Maria Helena C. Bastos

Resumo

Depois de trinta anos, a questão da definição do manual escolar é relevada de maneira recorrente pelos historiadores da educação. O objetivo do autor é analisar os diversos aspectos de um debate histórico que entusiasma periodicamente a comunidade científica internacional. Para dar conta da natureza e da identidade do manual, o autor, que apoia sua reflexão sobre a análise da literatura científica mundial consagrada à história do livro e da edição escolar, adota quatro perspectivas complementares. Quais vocábulos empregamos (ou podemos empregar) para designar o manual escolar, e quais conclusões relativas à sua natureza, suas funções, seus usos podemos tirar desse inventário? Quais limites, quais fronteiras separam ou separaram o "território" dos manuais escolares e das categorias editoriais próximas. O manual é necessariamente um livro, e um livro impresso, ou pode se revestir de outras formas e em decorrência implicar em outros usos? São enfim evocados os problemas metodológicos colocados pelos recenseamentos das coleções de manuais, e mais particularmente as questões ligadas à categorização e à tipologia.

Palavras-chave: Manual escolar; História do livro; História da edição escolar.

THE SCHOOL TEXTBOOK: A FALSELY OBVIOUS HISTORIC FACT

Abstract

For some thirty years, education historians have raised the recurring issue of the definition of the school textbook. The author's aim is to take stock of the various aspects of a theoretical debate that periodically stimulates the international scientific community. In order to account for the nature and identity of the textbook, the author adopts four complementary perspectives, basing his reasoning

¹ Artigo publicado com o título «Le manuel scolaire: une fausse évidence historique» na Revue *Histoire de l'éducation*. SHE/INRP, n.117, jan-mars 2008. p.7-56. Tradução e publicação autorizada pelo autor.

on the analysis of world scientific literature devoted to the history of the books and publishing for schools. Which terms are (or have been) used to name the school textbook and what conclusions concerning its nature, functions or uses can be drawn from this inventory? What boundaries or borders separate (or have separated) the "territory" of school textbooks from neighbouring areas of publication? Is the textbook necessarily a book, and a printed book, or can it take other forms and consequently imply other uses? Finally, this census of textbook collections spotlights methodological problems, in particular questions related to categorization and typology.

Keywords: Textbooks; Book history; History of publishing.

POLÍTICAS DE LOS LIBROS ESCOLARES EN EL MUNDO: PERSPECTIVA COMPARATIVA E HISTÓRICA

Resumen

Después de más de dos siglos, el libro escolar es aún un elemento esencial de la construcción identitaria y, en consecuencia, la edición escolar tomó una dimensión nacional. Todos los países colocaron en práctica procedimientos específicos, más o menos coercitivos, para asegurar el control de los libros de clase, que tratan de su concepción, producción, difusión, financiamiento y utilización. En un primer momento, el autor establece un inventario comparativo y una tipología de las principales disposiciones hoy en vigor, en diferentes países del mundo, para controlar las publicaciones destinadas a los alumnos y a los profesores; en un segundo momento, adopta una perspectiva diacrónica examinando, como un ejemplo, las importantes evoluciones que se procesaron, después del siglo XVIII, en la legislación y en la reglamentación relativa a los manuales escolares de Francia. Concluye sobre la imperiosa necesidad de llevar en cuenta los contextos legislativos y de reglamentaciones en todos los estudios consagrados a los manuales.

Palabras Clave: Manuales escolares; Política escolar; Historia del libro.

LE MANUEL SCOLAIRE: UNE FAUSSE ÉVIDENCE HISTORIQUE

Résumé

Depuis une trentaine d'années, la question de la définition du manuel scolaire est soulevée de manière récurrente par les historiens de l'éducation. L'objectif de l'auteur est de faire le point sur les divers aspects d'un débat théorique qui anime périodiquement la communauté scientifique internationale. Pour rendre compte de la nature et de l'identité du manuel, l'auteur, qui fonde sa réflexion sur l'analyse de la littérature scientifique mondiale consacrée à l'histoire

du livre et de l'édition scolaires, adopte quatre perspectives complémentaires. Quels vocables emploie-t-on (ou a-t-on employés) pour désigner le manuel scolaire, et quelles conclusions relativement à sa nature, ses fonctions ou ses usages peut-on tirer de cet inventaire? Quelles limites, quelles frontières séparent ou ont séparé le «territoire» des manuels scolaires et celui de catégories éditoriales voisines? Le manuel est-il nécessairement un livre, et un livre imprimé, ou peut-il revêtir d'autres formes et par suite impliquer d'autres usages? Sont enfin évoqués les problèmes méthodologiques mis en évidence par le recensement des collections de manuels, et tout particulièrement les questions liées à la catégorisation et à la typologie.

Mots-clés: Manuels scolaire; Histoire du livre; Histoire de l'édition scolaire.

Definierbar ist nur das, was keine Geschichte hat².

Os historiadores são a primeira comunidade científica a se interessar, nos anos 1960, pelos antigos livros escolares, mas foi preciso quase duas décadas antes que aparecesse, em reação à mediocridade das investigações levadas a efeito até então³, uma reflexão crítica sobre as problemáticas e os métodos da pesquisa histórica sobre os manuais escolares. Ao mesmo tempo, um interesse novo pelo patrimônio cultural que constitui a literatura escolar e a preocupação de acesso às coleções dispersas, mal conservadas e raramente inventoriadas, suscitam no mundo um certo número de iniciativas visando repertoriar, o que provocou uma questão admiravelmente sofismada até então: "O que é um manual escolar?".

Esta questão da natureza e da identidade do manual é suscitada recorrentemente desde então, notadamente pelos historiadores, visando atestar a continuidade das produções históricas que, depois de trinta anos, consagram freqüentemente um capítulo preliminar ou o tratam de maneira específica⁴. Nosso

² «Não é definível aquilo que não tem história»: Friedrich Nietzsche, *Zur Genealogie der Moral*, Leipzig, Naumann, 1887, Zweite Abhandlung, 13. Todas as traduções do artigo foram efetuadas pelo autor.

³ Geoffrey Hugh Harper, «Textbooks: an under-used Source», *History of Education Society Bulletin*, 25, 1980, p. 31.

⁴ Podemos citar especialmente: Hilde Coeckelberghs, «Das Schulbuch als Quelle der Geschichtsforschung. Methodologische Überlegungen», *Internationales Jahrbuch für Geschichts- und Geographieunterricht*, XVIII, 1977-1978, pp. 7-29; Colin McGeorge, «The Use of School-Books as a Source for the History of Education, 1878-1914», *New Zealand Journal of Educational Studies*, 14, 2, 1979, pp. 138-151; Geoffrey Hugh Harper, «Textbooks: an under-used Source», art. cit., pp. 30-40.; Alain Choppin, «L'histoire des manuels scolaires: une approche globale», *Histoire de l'éducation*, n° 9, décembre 1980, pp. 1-25; Buenaventura Delgado, «Los libros de texto como fuente para la historia de la Educación», *Historia de la Educación*, n° 2, 1983, pp. 353-358; Christina Koulouri, «Scholika encheiridia kai historike ereuna», *Mnemon*, n° 11, 1987,

pp. 219-224; David Hamilton, «What is a textbook?», *Paradigm*, n° 3, 1990, pp. 5-8; Alain Choppin, *Les manuels scolaires: histoire et actualité*, Paris, Hachette Éducation, 1992, partie I: «Définition, fonctions et statut du manuel», pp. 6-21; Egil Børre Johnsen, *Textbooks in the Kaleidoscope: a critical survey of literature and research on educational texts*, Oslo, Scandinavian University Press, 1993: «The Textbook Concept», pp. 24-26; Christopher Stray, «Paradigms lost: towards a historical sociology of the textbook», in Selander, Staffan (dir.), *Textbooks and educational media: collected papers 1991-1995*, Stockholm, IARTEM, 1997, pp. 57-73; Justino Pereira de Magalhães, «Um apontamento para a história do manual escolar entre a produção e a representação», in Rui Vieira de Castro, Angelina Rodrigues, José Luís Silva, Maria Lourdes Dionísio de Sousa (dir.), *Manuais escolares: estatuto, funções, história. Actas do I Encontro internacional sobre manuais escolares*, Braga, Universidade do Minho, 1999, pp. 279-302; María Victoria Alzate Piedrahita, Miguel Angel Gómez Mendoza, Fernando Romero Loaiza, *Textos escolares y representaciones sociales de la familia. I. Definiciones, Dimensiones y Campos de investigación*, Santafé de Bogotá, Universidad Tecnológica de Pereira, 1999, 103 p.; Ursula A. J. Becher, «Was ist ein Schulbuch?», in *Handbuch Medien im Geschichtsunterricht*, Schwalbach am Taunus, Wochenschau-Verlag, 1999, pp. 45-68; Rosa Lidia Teixeira Corrêa, «O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação», *Cadernos Cedes*, n° 52, 2000, pp. 11-24; Agustín Escolano Benito, «Tipología de libros y géneros textuales en los manuales de la escuela tradicional», in Alejandro Tiana Ferrer (dir.), *El libro escolar, reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas*, Madrid, Lerko, 2000, pp. 439-449; Antônio Augusto Gomes Batista, «Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos», in Márcia Abreu (dir.), *Leitura, história e história da leitura*, Campinas/São Paulo, Associação de leitura do Brasil/ Fapesp, 2000, pp. 529-575; Paolo Bianchini, «Una fonte per la storia dell'istruzione e dell'editoria in Italia: il libro scolastico», *Contemporanea*, III, 1, 2000, pp. 175-182; Martha Rodríguez, Palmira Dobaño Fernández (dir.), *Los libros de texto como objeto de estudio: una aproximación desde la historia*, Buenos Aires, La Colmena, 2001; Gabriela Ossenbach Sauter, Miguel Somoza, «Definiciones y clasificaciones», in *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*, Madrid, UNED, 2001, pp. 15-24; Tullio Ramírez, «El texto escolar como objeto de reflexión e investigación», *Docencia Universitaria*, 3, 1, 2002, pp. 101-124; Monique Lebrun (dir.), *Le manuel scolaire, un outil à multiples facettes*, Sainte-Foy, Presses de l'Université du Québec, 2006; Jaume Martínez Bonafé, «¿De qué hablamos cuando hablamos de los libros de texto?», in *Primer Seminario internacional de textos escolares*, Santiago de Chile, Ministerio de Educación, 2007, pp. 431-438.

objetivo é tentar definir coordenadas sobre os diversos aspectos de um debate teórico que anima periodicamente a comunidade científica internacional, e, mais particularmente, a dos historiadores. Esta reflexão se baseia sobre a análise da literatura científica mundial consagrada à história do livro e da edição escolar, em que efetuamos um inventário sistemático de quase cinquenta anos⁵.

Para abarcar as diversas dimensões implicadas nas mudanças mais complexas, nós nos colocaremos segundo quatro perspectivas diferentes, mas complementárias. Nos interessaremos então ao léxico: quais vogais empregamos (ou são empregadas) para designar o manual escolar, e quais conclusões relativas à sua natureza, funções ou usos podemos tirar desse inventário? O segundo ângulo de análise é próximo à delimitação do conceito, isto é, ao seu campo semântico: quais limites, quais fronteiras separam ou separaram o "território" dos manuais escolares e das categorias editoriais vizinhas? O terceiro é sobre os suportes do manual e suas modalidades de difusão e de utilização: ele é necessariamente um livro e um livro impresso, ou pode se revestir de outras formas e implicar outros usos? O quarto e último é sobre uma série de problemas metodológicos colocados em evidência pelo recenseamento das coleções de manuais, e, mais particularmente, sobre as questões ligadas à categorização e à tipologia.

Este exercício não tem a pretensão de dar respostas novas, nem *a fortiori* respostas definitivas à uma questão que continua muito aberta, como testemunha a apresentação de uma recente manifestação científica⁶; visa reunir um certo número de

⁵ Quase 5.000 notícias bibliográficas, correspondendo à produção de mais de quarenta países, foram assim coletadas. Elas são progressivamente colocadas em um banco de dados digital «Emmanuelle international», no endereço eletrônico: <http://www.inrp.fr/emmainternational/web>

⁶ Em outubro de 2007 ocorreu em Ypres, na Bélgica, um congresso organizado pela *Internationale Gesellschaft für Historische und Systematische*

elementos que podem ajudar os pesquisadores à cercar um objeto de estudo que tem, sob uma aparência ilusória, uma particular complexidade.

1 A diversidade do léxico

É preciso sublinhar de imediato que o *conceito*⁷ de livro escolar é historicamente recente. As obras, as quais os pesquisadores concordam que têm um estatuto pouco ou muito escolar, só recentemente têm sido percebido pelos contemporâneos como fazendo parte de um conjunto coerente. Assim, a língua francesa não conhece, antes da Revolução, o termo genérico que designa essa categoria de obras. A situação é comparável em outros países ocidentais: os livros escolares são há muito tempo apresentados ao seus contemporâneos sob uma multiplicidade de denominações⁸.

Portanto, existe uma série de termos, o mais freqüentemente retirado da minuta dos títulos, que remete à matéria em que a obra é conhecida. Alguns fazem referência a sua organização interna, especialmente quando se referem a um conjunto de textos (português *antologia*; italiano *florilegio*; francês *recueil*, *jardin*; etc.); outros designam sua função sintética (espanhol *compendio*; português *compêndio*; francês *précis*, *abrégé*, *tableau*; feroïen⁹ *samandráttur* - de *saman*, conjunto; italiano

Schulbuchforschung e intitulado «Was macht(e) ein Schulbuch zu einem Schulbuch? Art und Identität eines Lernmittels näher betrachtet».

⁷ Ver Antoine Prost, *Douze leçons sur l'histoire*, Paris, Seuil, 1996, ch. 6: «Les concepts», pp. 125-143.

⁸ Ver Antonio Viñao Frago, «La catalogación de los manuales escolares y la historia de las disciplinas a través de sus denominaciones», in Alejandro Tiana Ferrer (dir.), *El libro escolar, reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas...*, op. cit., pp. 451-469.

⁹ Língua falada pelos habitantes das Ilhas Faroé/Dinamarca. (Nota do Tradutor).

ristretto; etc.) ou seu papel diretivo (espanhol *guía*; lituâneo *vadovelis* -de *vadov*, guia; alemão *Hilfsbuch*; francês *mentor*; etc.); outros ainda evocam o método de aprendizagem que trabalham (inglês *method*; francês *cours*; etc.), o mais comum é caracterizar positivamente no título das obras (*fácil, rápido, completo, novo*, etc.)¹⁰, a alternância de questões e de respostas (francês *catéchisme*; sueco *katekes*; espanhol *catecismo*; italiano *dialoghi*; etc.), ou a exposição organizada, do simples ao complexo que é mais freqüente (francês *rudiments*; espanhol *nociones*; inglês *elements*; etc.).

Esta diversidade não é própria das línguas vernáculas: ela também está presente nos títulos de manuais redigidos em grego (*encheiridion, epitomè, ...*) ou em latim (*epitome, compendium, hortulus, manuductio, tirocinium, excerpta, selecta, rudimenta, janua, introductio, ...*), característica que destaca Pascale Hummel através do estudo de numerosos títulos de obras destinadas ao ensino da gramática grega, ao longo da história da tradição gramatical e filológica¹¹.

Não é raro mais que façamos referência a uma obra consagrada ou a um autor renomado, ao qual é conferido um estatuto de gênero e modelo. Por exemplo, é o caso para *Catão*, um código de moral cristã e civil inspirado no *Disticha Catonis*, obra atribuída à Marcus Porcius Cato, conhecido Catão o censor, mas que a versão original foi verdadeiramente redigida no século III de nossa era¹²; o *Catão* é revestido, segundo o capricho do autor, de formas diversas, combinando por sua vez a doutrina

¹⁰ Anne-Marie Chartier, «Des abécédaires aux méthodes de lecture: genèse du manuel moderne avant les lois Ferry», in Jean-Yves Mollier (dir.), *Histoires de lecture XIX^e-XX^e siècles*, Bernay, Société d'histoire de la lecture, 2005, pp. 78-102 (Matériaux pour une histoire de la lecture et de ses institutions, 17).

¹¹ Pascale Hummel, *De lingua graeca. Histoire de l'histoire de la langue grecque*, Frankfurt am Main, Peter Lang, 2006, pp. 228-235.

¹² Lucien Febvre, Henri-Jean Martin, *L'apparition du livre*, Paris, Albin Michel, 1971, pp. 356-358 (L'évolution de l'humanité, 30).

cristã e o silabário, ou reunindo em um mesmo o silabário, o catecismo e os preceitos de boa educação¹³. É também o caso para os *Barêmes*, antologia de cálculos resolvidos e tabelas numéricas que devem seu nome ao aritmético François Bertrand de Barrême (1640-1703), autor de um grande número de obras dessa natureza.

Por outro lado, é, por sinédoque¹⁴, uma marca distintiva, tais como a cruz impressa precedendo os alfabetos, a partir do século XVI, que dá o nome ao conjunto da produção: italiano *Santacroce*; inglês *Crisscross* - de *Christ's cross*; francês *Croiz-de-par-Dieu*, ou ainda *croisette* (no Nordeste da França)¹⁵. Esse signo gráfico, que encontramos nas obras litúrgicas, convida o leitor a se benzer em um momento preciso de sua leitura, isto é, no presente caso, antes de começar; indica também que se entregar a esse exercício se reveste da mesma gravidade que a oração¹⁶.

A denominação pode então refletir as características materiais, como no caso da cartilha - *cartilla*, do *horn-book*, do *battledore* ou da *palette*.

¹³ Paula Demerson, «Tres instrumentos pedagógicos del siglo XVIII: la Cartilla, el Arte de escribir y el Catón», in CIREMIA, *L'enseignement primaire en Espagne et en Amérique latine du XVIII^e siècle à nos jours*, Tours, CIREMIA, 1986, p. 35; Antonio Viñao Frago, «Aprender a leer en el Antiguo Régimen: cartillas, silabarios y catones», in Agustín Escolano Benito (dir.), *Historia ilustrada del libro escolar en España*, Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997-1998, 2 vol., t. I, *Del Antiguo Régimen a la Segunda República*, pp. 149-191.

¹⁴ Sinédoque: é um tipo especial de metonímia, onde se troca a palavra que indica o todo de sum ser por outro que indica apenas uma parte dele (Dicionário Houaiss, 2001, p.2578) Nota do tradutor.

¹⁵ Ségolène Le Men, *Les abécédaires français illustrés au XIX^e siècle*, Paris, Promodis, 1984.

¹⁶ Piero Lucchi, «La santacroce, il psalterio e il babuino. Libri per imparare a leggere nel primo della stampa», in Attilio Bartoli Langeli, Armando Petrucci (dir.), *Alfabetismo e cultura scritta, Quaderni storici*, XIII, 2, n.º 38, 1978, pp. 593-630.

A *cartilla* é o nome dado em espanhol (*cartilha*, em português) aos pequenos livretos que apresentam as letras do alfabeto e os primeiros rudimentos da aprendizagem da leitura, e se difundem muito na Europa, a partir do século XVI¹⁷. Ela consta de uma simples folha (*carta*) impressa que, dobrada duas ou três vezes, forma um caderno in-4° ou in-8°, com oito ou dezesseis páginas. Essa palavra teve uma imensa popularização, na Península Ibérica e na América Latina, que, na língua espanhola familiar, as expressões *cantar a uno la cartilla* e *no saber la cartilla* (*não saber a cartilha* em português) significam respectivamente "fazer a lição para alguém" e "ser completamente ignorante".

○ *horn-book* (ou *hornbook*), que tem às vezes outro nomes (italiano *tavola*; espanhol *tableta*; etc.), apareceu na Europa na Idade Média; não se pode falar propriamente de um livro, mas uma simples folha de papel sobre a qual estão reproduzidos o alfabeto, a oração do Pai Nosso, ou ainda os números de 1 à 10... Em inglês, o nome deriva dessa folha, montada sobre um pedaço de madeira ou de couro de formato reduzido e emoldurado com madeira ou metal, estando protegido por uma fina película de chifre (inglês *horn*). Muitas vezes está munido de um cabo, esse instrumento pode ser associado ao jogo de volantes (*shuttlecock*)¹⁸.

○ *battledore* (ou *battledoor*) deriva do *hornbook*. Apesar do seu aspecto e do seu nome (*battledore* significa "raquete" em inglês), os *battledores* não foram jamais utilizados como jogos. Largamente difundidos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, até a metade do século XIX, se apresentam sob a forma de uma folha de cartolina dobrada em dois, algumas vezes em três, oferecendo assim uma grande superfície útil: o texto impresso está

¹⁷ Victor Infantes, «De la cartilla al libro», *Revue hispanique*, 97, 1, 1995, pp. 33-66; Fernando Castelo-Branco, «Cartilhas quinhentistas para ensinar a ler», *Boletim Bibliográfico e Informativo de Centro de Investigação Pedagógica de Instituto Gulbenkian*, 14, 1971, pp. 109-151.

¹⁸ Andrew White Tuer, *History of the Horn-book*, Londres, Leadenhall Press, 1896, 2 vol.

colado sobre uma face enquanto a outra está, frequentemente, ornada de gravuras sobre madeira¹⁹.

O termo *palette* está presente na Suíça francófônica, na Savóia e numa parte da Borgonha, para designar um abecedário; esse termo já se encontra no século XV. Remete para um suporte sólido, comumente conhecido e pouco custoso, uma omeoplata do porco. Esse osso, que tem a forma de uma pequena raquete triangular, possui uma face plana e lisa sobre a qual é possível gravar ou colar um alfabeto manuscrito e uma extremidade, o acromio, que uma criança pode ter comodamente na mão. Mesmo recorrendo às plaquetas de madeira e o abecedário ser desde o século XVI um pequeno livro impresso, esta denominação se mantém até o início do século XIX²⁰.

Hoje, ainda, os termos aos quais recorrem as diversas línguas para designar o conceito de livro escolar são múltiplos, e sua aceção não é nem precisa, nem estável²¹. Percorrendo a abundância bibliográfica científica consagrada no mundo do livro e da edição escolar, constata-se que são utilizadas conjuntamente hoje várias expressões que, na maioria das vezes, é difícil, até impossível, de determinar o que as diferenciam. Tudo parece ser uma questão de contexto, de uso, até de estilo. Os franceses utilizam assim indiferentemente, entre outros termos, *manuels*

¹⁹ Sobre os hornbooks e os battledores, ver notadamente: Joyce Irene Whalley, *Cobwebs to Catch Flies. Illustrated Books for the Nursery and Schoolroom, 1700-1900*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1975, p. 36 *sqq.*; Charles H. Carpenter, *History of American Schoolbooks*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, s.d. [1963].

²⁰ Georges Panchaud, *Les écoles vaudoises à la fin du régime bernois*, Lausanne, F. Rouge, 1952, pp. 152-158. Ver também, do mesmo autor, «Les palettes et abécédaires d'autrefois», *Folklore suisse*, 1949, pp. 4-11. Agradecemos à Pierre Caspard por nos ter comunicado essas referências.

²¹ Antônio Augusto Gomes Batista, «Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos», in Márcia Abreu (dir.), *Leitura, história..., op. cit.*, 2000, pp. 529-575.

scolaires, *livres scolaires* ou *livres de classe*²²; os italianos recorrem especialmente à *libri scolastici*, *libri per la scuola* ou *libri di testo*; os espanhóis hesitam muitas vezes entre *libros escolares*, *libros de texto* ou *textos escolares*²³, apesar que os lusófonos optem por *livros didáticos*, *manuais escolares* ou *textos didáticos*. Nos países anglo-saxões, *textbook*, *schoolbook* e por vezes *school textbook* parecem ser empregados indistintamente, o mesmo que *Schulbuch* e *Lehrbuch* nos países de língua germânica, *schoolboek* e *leerboek* nas regiões que falam holandês; na Suécia se utiliza *skolbok* e *lärebok*, *skolebok* e *laerebok* na Noruega, *skolebog* e *laerebog* na Dinamarca, ou ainda *scholica enchreiridia*, *scholica biblia* ou *anagnostika biblia* na Grécia; etc.

Essas oscilações terminológicas podem explicar as motivações retóricas, especialmente nas línguas romanas, que repugnam geralmente repetir os mesmo termos. Mas se examinarmos mais de perto, constatamos que essa profusão léxica reflete a complexidade do estatuto do livro escolar na sociedade.

Certas expressões remetem ao contexto institucional no qual a obra é utilizada ou à qual é destinada (francês *livre d'école*, *livre de classe*, *livre classique*, etc.²⁴; inglês *schoolbook*; alemão *Schulbuch*; holandês *schoolboek*; dinamarquês *skolebog*; espanhol

²² Mesmo se elas são mais frequentemente empregadas umas pelas outras, essas expressões não são portanto equivalentes. Cf. *Histoire de l'éducation*, n° spécial *Les manuels scolaires: histoire et actualité*, op. cit., p. 14; ver igualmente María Victoria Alzate Piedrahita, Miguel Ángel Gómez Mendoza, Fernando Romero Loaiza, *Textos escolares y representaciones sociales de la familia. I. Definiciones...*, op. cit., pp. 27-28.

²³ Cabe assinalar que certas expressões que designam os livros escolares tomaram uma conotação especialmente pejorativa, é, por exemplo, o caso, no último terço do século XIX, de *libro de texto* na Espanha e de *manuel* na França, que remete ao ensino tradicional, fundado sobre a memória; o mesmo para *kyôkasho* no Japão depois da Segunda Guerra Mundial, quando as obras escolares são denunciadas como responsáveis pela montagem do imperialismo nipônico.

²⁴ Sobre a evolução léxica do adjetivo «clássico», ver Alain Choppin, *Les manuels scolaires: histoire et actualité*, op. cit., p. 11.

libros escolares; italiano *libri per la scuola, libri scolastici*; albanês *libër shkollor*; polonês *książki szkolne*; turco *okul kilavuzu*; húngaro *iskolai tankönyvek*; slovaco *školská učebníka*; lituânio *monyklinis vadovėlis* - de *monyklina*, escola; tamoul *pachadaly putagama* - de *pachadaly*, escola; lingala (Congo) *buku ya kelasi*; farsi (Irã) *ketabe darsi* - de *ketabe*, livro e *darsi*, escola; chinês *xué xiào shu* - de *xué*, instruir, *xiào*, escola e *shu*, livro; etc.); elas podem estar acompanhadas de indicações que precisam a natureza do público escolar ou o nível de ensino ao qual a obra se destina (francês *manuels de troisième*; espanhol *libros de bachillerato*; norueguês *laerebok för gymnasiet*; italiano *libri per la scuola elementare*; etc.).

Outros, sem fazer referência a este contexto institucional, colocam destaque sobre a função didática, entendida aqui no sentido etimológico: o livro escolar é um livro que serve para ensinar (francês *livre d'enseignement*; alemão *Lehrbuch*; húngaro *tankönyv* - de *tanítás*, ensino e *könyv*, livro; norueguês *laerebok*; grego *διδασκαλειον* - de *διδασκειν* (*didaskein*), ensinar; português *livro didático*; basco *liburu didaktikoen*; árabe *eddirasat kitab* - de *eddirasat*, ensino) ou para estudar (russo - e, com algumas variantes, outras línguas eslavas - *uchébnik* - de *uchéba*, estudos; holandês *leerboek*²⁵; letão *mácibu grámata* - de *mácibu*, estudo; espanhol *manuales de estudio*; hebreu *sefer limoud* - de *sefer*, livro e *limoud*, estudo; suaíli²⁶ *kitabua ya masomo* - de *masomo*, estudo; vietnamita *sách học* - de *sách*, livro, e *học*, estudar).

A terminologia remete também seguidamente aos conteúdos de ensino, às vezes de maneira indiferenciada, como para os livros que trazem os conhecimentos enciclopédicos (finlandês *oppikirja* - de *oppi*, saberes, et *kirja*, livro; islandês *kennslubók*), também nos livros de leitura corrente (grego

²⁵ Etimologicamente, *leerboek* remete ao ato de ensinar (cf. l'allemand *Lehrbuch*), mas o contexto cultural conduz esse vocábulo para designar um instrumento de aprendizagem.

²⁶ Suaíli ou suaíle – idioma banto, uma das línguas oficiais do Quênia, Tanzânia e Uganda (Nota do tradutor).

anagnosticon biblion ou ainda *anagnosmata*), às vezes fazem explicitamente referência à matéria que trata a obra (inglês *grammar*; inglês *arithmetics*; alemão *Schulgeschichtsbuch*; húngaro *történelem könyv*; espanhol *lecciones de cosas*; etc.) alguns até o reduzem se o contexto enunciativo não é ambíguo: um aluno falará hoje muito naturalmente de seu livro de geografia (ou de "geo!"), sem outra precisão. É esta referência genérica aos conteúdos que tem prevalecido no Extremo Oriente quando, no fim do século XIX, a influência ocidental é profundamente exercida sobre o sistema educativo nipônico: "livro escolar" se diz *kyôkasho* em japonês (e *kyo kwa so* em coreano), expressões que podemos traduzir literalmente por "livro das matérias a ensinar"²⁷.

Por sua vez, o inverso, a natureza das aprendizagens é que dá o nome ao livro escolar. Descobrimos aqui a distinção tradicional, mas longe de ser rigorosa, que divide a literatura escolar em dois grandes conjuntos: de um lado, os livros que apresentam os conhecimentos, do outro, aqueles que visam à aquisição de mecanismos. É a opinião que exprime, antes de muitos outros, Fernando Sainz quando distingue os "livros de matérias" e os "livros de leitura"²⁸. A segunda categoria compreende especialmente os métodos de leitura, alfabetos e abecedários (grego *alphabêtare*; alemão *ABC-Buch*; inglês *alphabet book*; húngaro *abécéskönyv*; italiano *abecedario*; russo *azbouka*;

²⁷ Em japonês, o conceito de *manual escolar* não existe antes da Restauração Meiji. As obras utilizadas até esse momento no contexto educativo, os *ôraimono*, não foram especificamente conhecidos pelos fins didáticos. É o decreto de 1879 que, sob o modelo ocidental, introduz a noção de matéria de ensino (seis matérias são então definidas) e, até 1945, há uma confusão entre programas e manuais, pois na tradição japonesa a aprendizagem se dá por esforço próprio e não através de livros didáticos). Sobre a história dos manuais japoneses, ver o admirável site de Christian Galan, no endereço eletrônico: <http://w3.univ-tlse2.fr/japonais/galan/indexgalan.htm>

²⁸ Fernando Sainz, «El libro en la enseñanza», *Revista de Pedagogía*, 88, 1929, pp. 214-219. Esta distinção, própria da educação elementar, é ainda frequentemente reprisada pelos pesquisadores.

eslovaco *šlabikár*; etc.), silabários (inglês *spellers*; holandês *spelboek*; espanhol *silabario*; etc.), livros de leitura (polonês *elementarz*; lituânico *elementorius*; húngaro *olvasó könyv*; sérvio *fibla* (derivado do alemão *Fibel*); ucraniano *bukvar*; inglês *primers* – assim designados porque constituem cronologicamente os primeiros livros -, e *readers*²⁹; alemão *Lesebuch*; holandês *leeseboek*; espanhol *libro de lectura*; português *livro de leitura*; kirundi (Ruanda, Uganda,...) *igitabo co gusoma* - de *gusoma*, que significa ler, mas também beber e beijar; etc.).

Numerosas expressões levam igualmente em conta a forma material, seja de uma obra de formato pequeno que temos à mão ou que levamos na mão (francês *manual*; espanhol *manuales escolares*; português *manuais escolares*; italiano *manuali per la scuola*; romeno *manual școlar*; bretão *levrdorn* – de *dorn*, mão; húngaro *kézikönyv* – de *kéz*, mão e *könyv*, livro; greco *encheiridion* – de *cheir*, mão). Encontramos termos equivalentes nas línguas germânicas e eslavas, mas aparecem menos frequentemente associados ao contexto escolar (russo *rukovódstvo* - de *ruka*, mão -, palavra que significa por sua vez manual e administração, o que evoca também a função organizacional do manual; tcheca *přírůčka* - de *pří*, ao lado de, e *ručka*; polonês *podręcznik* - de *pod*, sob, e *reka*; letão *rokas gramata*; inglês *handbook*; alemanha *Handbuch*; dinamarquês *håndbog*; holandês *handboek*; irlandês *lámhleabhar* – de *lamh*, mão; etc.). É também a forma adotada pelo esperanto *manlibro*.

Outras expressões correntemente utilizadas são aquelas que remetem ao texto. Não fazem somente alusão à forma de expressão tradicionalmente privilegiada para transmitir conhecimentos, a ilustração não tem muito tempo no Ocidente, salvo algumas notáveis exceções, mas tem um papel marginal na relação aluno-mestre, sobretudo quanto à autoridade que confere

²⁹ Os *primers* são livros em que efetuam as aprendizagens iniciais; os *readers*, que são usados em segundo lugar, supõem um conhecimento prévio dos mecanismos básicos da leitura, pois apresentam textos longos.

aquilo que é julgado digno de ser escrito (inglês *text book*; italiano *libro di testo*, *testo scolastico*; espanhol *libro de texto*, *texto escolar*; norueguês *textbok*; irlandês *téacsleabhar*; etc.). Certas expressões inglesas contemporâneas são, por sua vez, reveladoras da autoridade que é investido o manual: *a textbook landing*, *a textbook dive*, etc. significam, sem ambigüidade, uma aterrissagem modelo, um mergulho modelo, etc.³⁰. O britânico Christopher Stray, um dos fundadores do *Textbook Colloquium*³¹, mostrou que os avatares gráficos da palavra *textbook* são reveladores da evolução que o conceito conheceu na Grã-Bretanha: assinala que a grafia *text book* se aplica na origem a um texto habitualmente redigido em grego ou em latim e utilizado para fins pedagógicos, um texto que tinha por objeto comentários e explicações fornecidas oralmente pelo professor; *text-book* (com a separação) aparece somente nos anos 1830, para ser suplantado, entre 1880 e 1920, pela grafia moderna *textbook*: "A diferença fundamental entre a palavra 'manual' (*textbook*) e sua predecessora, o 'livro de textos' (*text book*), reside no fato que a primeira é ao mesmo tempo o texto e o ensino"³². Na Espanha, as expressões *textos* e *libros de texto* se encontram somente a partir de 1836, nos textos dos regulamentos, para designar obras que podem servir de "texto" ao ensino³³.

Qual a conclusão dessa rápida incursão de horizonte léxico?

³⁰ Robert & Collins Super Senior, 1996, verbete «Textbook».

³¹ *The Colloquium on Textbooks, Schools and Society*, funda a Swansea (Reino Unido) em 1989, publica a revista *Paradigm*.

³² Christopher Stray, «*Quia nominor leo*: vers une sociologie historique du manuel», *Histoire de l'éducation*, n° spécial 58 sous la direction d'Alain Choppin, *Manuels scolaires: États et sociétés, XIX^e-XX^e siècles*, 1993, pp. 73-74.

³³ Bernat Sureda García, Jordi Vallespir Soller, Elies Allies Pons, *La producció de obras escolares en Baleares (1775-1975)*, Palma, Universitat de les Illes Balears, 1992, p. 11.

Em última instância, o manual, sob suas diversas denominações, é progressivamente um objeto planetário: ele se impôs no mundo, pelo viés da evangelização e da colonização, adodato pela maior parte dos países de sistemas educativas e de métodos de ensino inspirados no modelo ocidental. O "manual" é, portanto, freqüentemente designado por termos que são a transcrição, a tradução ou a transposição das designações as mais comumente utilizadas nos países desenvolvidos.

Constatamos que, mesmo se certas denominações locais ou tradicionais permanecem muito tempo vivas, o léxico é progressivamente reduzido. A constituição na Europa dos sistemas educativos, que visam uma uniformização dos conteúdos e dos métodos, provoca uma autonomização da edição escolar, uma normalização de sua produção e, portanto, a emergência de uma nomenclatura específica.

Destacamos também que a diversidade do vocabulário empregado reflete a complexidade do manual: segundo as épocas e os ares culturais – mas também, e em menor grau, por uma época e por um país dado -, encontramos uma pluralidade de vocábulos que remetem tanto ao conteúdo intelectual, ao suporte material, a uma ou outra de suas múltiplas funções, etc.

O vocabulário utilizado parece, muitas vezes, traduzir as influências que são exercidas de um país a outro³⁴, porque conforme os ares lingüísticos, não são as mesmas representações, ou as mesmas expectativas, que são privilegiadas. Os anglófonos empregam de preferência a palavra *textbook*, porque o manual é antes de tudo para eles uma referência; os germanófonos

³⁴ Sobre as designações dos métodos de leitura e dos livros de leitura nos países bálticos e nos países eslavos, ver Wendelin Sroka, «Was macht die Fibel zur Fibel? Eine historisch-vergleichende Annäherung an die Identität von Lehrwerken für den Erstleseunterricht in Deutschland, Russland und den USA», in *Actes du colloque «Was macht(e) ein Schulbuch zu einem Schulbuch? Art und Identität eines Lernmittels näher betrachtet»*, Ypres, 5-6 outubro de 2007 (no prelo).

Schulbuch, porque privilegiam o aspecto institucional, ou ainda os japoneses *kyôkasho* porque, a seus olhos, o essencial residirá nos conteúdos?... Em suma, é certo falarmos de um mesmo objeto quando realizamos um estudo comparativo?

2 "On the borders of textbooks..."³⁵

Os manuais escolares fazem parte, ao menos nos países desenvolvidos, do universo cotidiano das crianças e das famílias depois de muitas gerações. Podemos compreender que uma tal familiaridade parece uma definição supérflua para os contemporâneos. Ao contrário, é surpreendente constatar que numerosos cientistas que trabalham no campo, no qual os pesquisadores alemães têm, no início dos anos 1970, reconhecido uma identidade e dado um nome *Schulbuchforschung*³⁶, não julgam mais útil definir sempre preliminarmente seu objeto de pesquisa.

O gramático britânico Ian Michael escreveu em 1990: "Não é fácil de dizer se uma obra é ou não um livro escolar. Se importa pouco dar uma definição exata, no entanto, é necessário fornecer uma descrição aproximada, senão todas as obras remetem para essa categoria"³⁷. Mas resta definir os critérios objetivos sobre

³⁵ O título dessa seção está em inglês no original, o que é mantido na tradução. Significa: "Nos limites dos livros-textos" (Nota do Tradutor).

³⁶ A pesquisa sobre os manuais escolares (*Schulbuchforschung*) não aparece como uma disciplina acadêmica: não são, portanto, os métodos que fundam sua unidade, são os objetos. Visa apreender o manual no seu contexto global e a recontextualizar seu "discurso". Ver, especialmente, Richard Olechowski (dir.), *Schulbuchforschung*, Frankfurt am Main/New York, Peter Lang, 1995 (Schule, Wissenschaft, Politik, 10); é também o nome (*Internationale Schulbuchforschung*) que tem, depois de 1979, a revista publicada pelo Georg-Eckert Institut de Brunswick. O espanhol Agustín Escolano Benito lançou, por outro lado, nos anos 1990, o neologismo "manualística".

³⁷ «It is not easy to say when a work is a textbook. Exact definition does not matter, but description of some sort is necessary, or all books become relevant»: Ian Michael, «Aspects of Textbook Research», *Paradigm*, 2, March 1990, p. 5.

os quais podemos basearnos para determinar ou não a característica "escolar" de uma obra.

Tomar o manual escolar como objeto de estudo supõe igualmente que façamos um trabalho prévio de circunscrição conceitual relativamente a outros tipos de produção literária. Isso implica que devemos definir para cada categoria critérios de inclusão e de exclusão em que a natureza não é necessariamente idêntica segundo o estatuto do observador. A perspectiva diacrônica, que leva em conta as evoluções estruturais e as flutuações semânticas, torna essa tarefa de definição, de delimitação, de demarcação ainda mais complexa.

2.1 Mercado doméstico e mercado institucional

Reservar a denominação de "livro escolar" só para as obras que são utilizadas em estabelecimentos de ensino e/ou que são especificadamente conhecidos com estas intenções, não tem sentido, historicamente, a não ser para um período mais recente, particularmente nas regiões onde o setor educativo teve uma institucionalização tardia. A educação doméstica é um fenômeno que temos freqüentemente a tendência de subestimar a importância e a persistência, apesar de ter sido algumas vezes objeto de regulamentação, como na Suécia a partir de 1686³⁸. Que venha ou não completar a freqüência escolar, por muito tempo teve um papel essencial na educação de meninos como de meninas. É assim que as *Histoires de la Bible* de Johann Gottfried Hübner, *bestseller* publicado pela primeira vez à Leipzig em 1714 e traduzido em numerosas línguas, fornecia aos pais instrumentos que lhes permitia examinar os trabalhos dos seus filhos: cada uma das cento e quatro histórias é seguida de um questionário sem

³⁸ Frithjof Borgeson, *The Administration of Elementary and Secondary Education in Sweden*, New York, 1927, p. 4.

respostas que, favorecendo a reformulação, permite avaliar o nível de compreensão do texto³⁹.

Mas os editores e os autores, por sua vez, têm interesse, por razões essencialmente econômicas, em apagar a distinção entre ensino doméstico e ensino escolar. Também um grande número de livros foram conhecidos pelo mercado doméstico e pela mercado institucional: os editores freqüentemente assinalam a natureza dual de seu leitor na primeira capa ou na página do título⁴⁰. Esse cruzamento entre o mercado escolar e o mercado doméstico tende a desaparecer, ao longo do século XIX, com a escolarização em massa, a elaboração dos programas de ensino, a diversificação dos níveis e das séries e a multiplicação dos exames e concursos, aos quais uma parte não negligenciável da produção editorial tem sido preparada. Mas esta estratificação não se efetua de maneira uniforme: "O período durante o qual houve um cruzamento entre a escola e a casa certamente variou segundo as matérias. Ele foi, sem dúvida, longo no caso das antologias poéticas; ao contrário, esse cruzamento foi limitado e, somos autorizados a supor, inexistente para as ciências aplicadas"⁴¹.

³⁹ Johann Hübner, *Zweymahl zwey und fünfzig auserlesene biblische Historien aus dem Alten und Neuen Testamente*, Leipzig, 1714. Ver Pierre Caspard, «Examen de soi-même, examen public, examen d'État: de l'admission à la Sainte-Cène aux certificats de fin d'études, XVI^e-XIX^e siècle», *Histoire de l'éducation*, n^o spécial 94 sous la direction de Bruno Belhoste, *Évaluer, sélectionner, certifier XVI^e-XX^e siècles*, mai 2002, pp. 44-45.

⁴⁰ Assim, entre outros exemplos: C.-F. Ermeler, *Leçons de littérature allemande. Nouveau choix de morceaux en prose et en vers, extraits des meilleurs auteurs allemands à l'usage des écoles de France et des personnes qui étudient la langue allemande*, Paris, Baudry, 1826 (14 reedições até 1865).

⁴¹ «*The age range during which there was an overlap between home and school would vary from subject to subject. It would continue for a long time in the case of poetry anthologies; there would be little overlap in Bookkeeping, and, one might suppose, in Mechanics none*»: Ian Michael, «Aspects of textbooks research», art. cit., p. 5.

2.2 Mercado escolar e mercado profissional

Há também uma terceira categoria da população que é considerada pelos "livros escolares", a dos aprendizes ou dos jovens trabalhadores, mais abundantemente, aquela dos meios profissionais. A imagem que aparece, por volta de 1800, é aquela que será mais tarde a da edição clássica, não muito elogiosa, desses grandes tratados, a mesma situação que hoje conhecemos da edição universitária francesa ou, na ausência de programas nacionais, uma mesma obra deve, por razões econômicas, ser conhecida em função de vários públicos: o mundo universitário (estudantes e professores), o público dito cultivado – as "pessoas do mundo", como foi dito no século XIX –, desejosos em alcançar uma informação certificada e, mais particularmente, mas não exclusivamente, nos domínios jurídico e da medicina, os meios profissionais⁴².

O que hoje chamamos literatura técnica e profissional parece ter alcançado muito rapidamente certa autonomia⁴³: os manuais e tratados destinados às profissões dos negócios constituem um testemunho particularmente precoce⁴⁴. O desenvolvimento e a subdivisão de disciplinas científicas, a partir do século XVIII, permite então, em quantidade, uma diversificação da produção especializada; pois, à medida que avança no século XIX e que novas mercadorias são oferecidas pela

⁴² Alain Choppin, «Le livre scolaire et universitaire», in Pascal Fouché (dir.), *L'édition française depuis 1945*, Paris, Éditions du Cercle de la Librairie, 1998, pp. 313-339.

⁴³ John Fauvel, «John's Wilkin's *Mathematical magic* considered as a textbook», *Paradigm*, 4, 1990, pp. 3-5.

⁴⁴ Jochen Hoock, Pierre Jeannin, Wolfgang Kaiser (dir.), *Ars mercatoria: Handbücher und Traktate für den Gebrauch des Kaufmanns: 1470-1820. Eine analytische Bibliographie in 6 Bänden*, Paderborn, Schöningh, 3 vol. publicados. Ver também Franco Angiolini, Daniel Roche (dir.), *Cultures et formations négociantes dans l'Europe moderne*, Paris, Éditions de l'EHESS, 1995 (Civilisations et Sociétés, 91).

indústria, se desenvolve uma produção de manuais (inglês *companion, assistant*; alemão *Hilfsbuch* (ou *Hülfsbuch*); espanhol *guía*; húngaro *sèged könyv*; etc.) que, distintos das publicações destinadas aos estabelecimentos de ensino "objetivam" públicos muito particulares: eles apresentam, sob a forma enciclopédica e sob uma forma condensada, o conjunto de conhecimentos considerados necessários ao exercício de um ofício determinado. Podemos citar, para os construtores de moinhos e os engenheiros hidráulicos, *The Millwright and Engineer's Pocket Companion* de William Templeton⁴⁵ ou *Die Praktische Anweisung* de Friedrich Netto⁴⁶; para os navegadores, *The Ship-Master's Assistant* de David Steel⁴⁷; ou ainda, para os comerciantes, *The Man of Business and Gentleman's Assistant* de William Perry⁴⁸ ou *Les Tarifs et comptes faits du grand commerce* de François Barrême⁴⁹; etc. Estas obras figuram por sua vez nos catálogos das livrarias, da

⁴⁵ William Templeton, *The Millwright & Engineer's Pocket Companion: comprising decimal arithmetic, tables of square and cube roots, practical geometry, mensuration, strenght of materials, mechanic powers, water wheels, pumps and pumping engines, steam engines, tables of specific gravities, &c. 2nd ed. [...] revised and [...] enlarged; to which is added an appendix, containing the circumferences, squares, cubes, and areas of circles, superficies and solidities of spheres, &c. &c.*, London, Simpkin and Marshall, 1833.

⁴⁶ Friedrich August Wilhelm Netto, *Praktische Anweisung, das Wasserwägen oder Nivelliren in den bei Kultivirung des Landes gewöhnlich vorkommenden Fällen anzuwenden: ein nach dem jetzigen Zustande der Wissenschaft eingerichtetes und mit den neuesten Erfindungen bereichertes unentbehrliches Hülfsbuch für Feld- und Forst-Messer, Land-, Wege- und Wasser-Baubeflissene, Agronomen, Mühlenbesitzer*, Berlin/Landsberg an der Warthe, Enslin, 1826.

⁴⁷ David Steel, *The Ship-Master's Assistant and Owner's Manual*, London, 1788. Esta obra tem mais de vinte edições, sendo a última em 1852.

⁴⁸ William Perry, *The Man of Business and Gentleman's Assistant* (3^d ed.), Edinburgh, 1777.

⁴⁹ François Bertrand de Barrême, *Les tarifs et comptes faits du grand commerce*, Paris, 1670.

segunda metade do século XVIII, sob a rubrica "Livros escolares"⁵⁰.

Esse movimento alcança também, mais tardiamente, as atividades que não se beneficiam, como a medicina, as atividades de engenharia ou de direito, de um estatuto profissional reconhecido. É o caso em particular da agricultura. Assim, na segunda metade do século XIX na Inglaterra, os progressos das ciências e das técnicas aplicadas à agricultura e a modificação das representações tradicionais do mundo rural⁵¹ fazem aparecer a necessidade de uma educação adequada aos trabalhos agrícolas. Esta evolução não é sem conseqüência sobre o estatuto das obras de agricultura: numerosas obras são adaptadas às necessidades práticas dos agricultores e publicadas, tais como *Elements of Agriculture: a Text Book*, publicada por William Fream sob os auspícios da Royal Agricultural Society of England, que tem um sucesso considerável: sua 17^e edição, sob o título *Fream's Principles of Food and Agriculture*, foi publicada em 1992, quase um século depois da edição original⁵². Na França, a grande

⁵⁰ «*Commercial and technical books were sometimes classified under the rubric of School Books, but were more often listed separately by title*» [As obras de comércio e as obras técnicas estão por sua vez classificadas sob a rubrica Livros Escolares, mas, mais frequentemente, estão catalogadas de acordo com a parte seguinte do seu título]. Fiona A. Black, «"Horrid republican notions" and other matters: school book availability in Georgian Canada», *Paradigm*, 2-3, 2002, p. 2.

⁵¹ «*The English Farmer is a splendid specimen of the human race. [...] The sort of writing which is intelligible by ordinary men is to him a mystery*» [«O fazendeiro inglês é um admirável espécime da espécie humana. [...] O tipo de escrita que é inteligível para o mais comum dos mortais é para *ele* um mistério»], *Country newspapers, Temple Bar*, X, 1864, p. 131, citado por Goddard: cf. Nota seguinte.

⁵² H. Edmunds, «Eighty years of Fream's *Elements of Agriculture*», *Journal of the Royal Agricultural Society of England*, 134, 1973, pp. 66-77; Nicholas Goddard, «"Not a Reading Class": the Development of the Victorian Agricultural Textbook», *Paradigm*, 23, 1997, pp. 12-21.

diversidade de climas e de solos fez emergir uma produção editorial específica por setor de atividade e/ou por área geográfica⁵³.

A distinção entre mercado escolar e mercado profissional foi ainda mais problemática desde a integração nos cursos escolares da formação técnica e profissional, sancionada pelos diplomas frequentemente nacionais. Segundo os especialistas, os alunos podem então dispor (ou não) de obras específicas nas quais não são excluídos, e podem também satisfazer suas necessidades profissionais e, portanto, se revelarem úteis nos exercícios cotidianos de seu ofício.

2.3 *Livros escolares e livros de vulgarização*

Mas, simultaneamente, uma outra evolução começa, com a entrada no mercado de obras inspiradas nos tratados científicos, mas com o objetivo de assegurar a vulgarização dos conhecimentos.

É esta categoria de obras que podem ser chamadas de "compêndios": Jean-Claude Perrot sublinha que, na segunda metade do século XVIII, sob o impulso das sociedades científicas, a vulgarização dos conhecimentos econômicos passa pela publicação de versões abreviadas de obras científicas⁵⁴. Annie Bruter, principalmente nos trabalhos sobre a história do ensino de história na França durante o Antigo Regime, distingue os compêndios, que não estão, na origem, especificamente destinados ao público escolar, e os manuais escolares de história. Em um sentido, os compêndios seriam "protomanuais". A existência do manual escolar, tal qual como entendemos hoje, necessita um conjunto de condições que não são todas preenchidas na França

⁵³ Por exemplo: Denis Donon, *Manuel pratique du vigneron et du cultivateur du Centre*, Cosne, Imprimerie de A. Bureau, 1905.

⁵⁴ Jean-Claude Perrot, «Nouveautés: l'économie politique et ses livres», in Henri-Jean Martin, Roger Chartier, *Histoire de l'édition française*, t. II, *Le livre triomphant, 1600-1830*, Paris, Promodis, 1984, pp. 250-251.

antes do fim do Antigo Regime: as classes recebem um ensino comum (ensino dito simultâneo), uma estruturação de conteúdos em disciplinas autônomas, a posse de um livro por aluno. "A noção de manual de história, resumida por Annie Bruter, pressupõe por sua vez uma certa organização do ensino [...], mas também um modo determinado de estruturação dos saberes, um determinado estado de desenvolvimento técnico e comercial e, mais extensamente, um tipo definido de cultura, no sentido do conjunto de valores fundadores: respeito ao saber, especialmente sob sua forma impressa, fiel à forma escolar de educação, concepção da especificidade das idades da vida, etc."⁵⁵.

Esta é a opinião que exprimiu Lakanal diante da Convenção, quando propõe os compêndios e os livros elementares, que correspondem a nossa visão moderna dos manuais: "Abreviar, restringir uma grande obra, é resumir; apresentar os primeiros germes e de algum modo a matriz de uma ciência, é elementar [...]. Desse modo, o resumo, é precisamente o oposto de elementar; é esta confusão de duas idéias muito distintas que tornaram inúteis para a instrução os trabalhos de um grande número de homens estimáveis..."⁵⁶. O gênero resumo não desaparece do universo escolar ou periescolar, como atesta, por exemplo, ao longo de todo o século XIX, o florescimento dos resumos de história santa para a preparação dos exames do ensino secundário.

⁵⁵ Annie Bruter, «Les abrégés d'histoire d'Ancien Régime en France (XVII^e-XVIII^e siècles)», in Jean-Louis Jadoulle (dir.), *Les manuels scolaires d'histoire: passé, présent, avenir*, Louvain-la-Neuve, Université Catholique de Louvain, 2005, p. 15.

⁵⁶ «Rapport et projet de loi sur l'organisation des écoles primaires, présentés à la Convention nationale au nom du Comité d'Instruction publique par Lakanal, à la séance du 7 brumaire an III», citado por James Guillaume, *Procès-verbaux du Comité d'Instruction publique de la Convention nationale*, t. V, Paris, Imprimerie nationale, 1904, p. 183.

Mas é sobretudo no domínio científico que as obras de vulgarização conhecem, no século XIX, um forte desenvolvimento, a exemplo dos *Cahiers de physique, de chimie et d'histoire naturelle à l'usage des jeunes personnes et des gens du monde*⁵⁷. É assim que, dos anos 1830, a produção de obras destinadas ao ensino de química na França é caracterizada por "uma estratégia segmentação e de decomposição de públicos que interfere com a política escolar para segmentar e desmultiplicar os leitores"⁵⁸. Se a fronteira entre as obras científicas e as obras de vulgarização não são sempre bem colocadas⁵⁹, aquela que separa as obras escolares e as obras de vulgarização não é mais⁶⁰: os livros de leitura corrente (mas também os livros de prêmio que não podemos deixar de mencionar pois seu estudo tem sido muito frequentemente negligenciado pelos pesquisadores) têm assim fortemente contribuído à difusão das ciências e das técnicas junto às gerações jovens. Esse foi especialmente o caso na França da Terceira

⁵⁷ Emmanuel Le Maout, *Cahiers de physique, de chimie et d'histoire naturelle à l'usage des jeunes personnes et des gens du monde*, Paris, Paul Dupont, 1841.

⁵⁸ Bernadette Bensaude-Vincent, Antonio García Belmar, José Ramón Bertomeu Sánchez, *L'émergence d'une science des manuels: les livres de chimie en France (1780-1852)*, Paris, Éd. Archives contemporaines, 2003, p. 80.

⁵⁹ «Eu utilizei o termo manual (*textbook*) para todas as obras, elementares ou não, que contêm conhecimentos de ordem geral sobre a química destinados aos químicos que não são profissionais»: Catherine Kounelis, «Atomism in France: chemical textbooks and dictionaries, 1810-1835», in Anders Lundgren, Bernadette Bensaude-Vincent (dir.), *Communicating Chemistry: textbooks and their audience, 1780-1930*, Canton, Watson, 2000, p. 207. Voir aussi Michael Honeyborne, «The communication of science by popular books 1700-1760», *Paradigm*, 25, 1998, pp. 43-44.

⁶⁰ David Knight, «Communicating Chemistry: the frontier between popular books and textbooks in Britain during the first half of the nineteenth century», in Anders Lundgren, Bernadette Bensaude-Vincent (dir.), *Communicating Chemistry*, op. cit., pp. 187-206; Julia Melcón Beltrán, «Ciencia aplicada y educación popular», in Alejandro Tiana Ferrer (dir.), *El libro escolar...*, op. cit., pp. 161-199.

República: "A obra de vulgarização a mais 'popular' foi assegurada por *Le Tour de la France par deux enfants*, cuja primeira edição data de 1877. [...] [Esta obra] oferece ao leitor uma imagem admirável da história e do estado das ciências, das técnicas e das indústrias da França nessa segunda metade do século XIX"⁶¹.

A imbricação entre uso doméstico e uso escolar ocorre tardiamente – e talvez jamais totalmente – decorrente de certas categorias de obras, como as obras de leitura e as antologias.

Esta é a conclusão que chegou o britânico Ian Michael: "É uma situação difícil, e se revelará talvez impossível, distinguir praticamente as obras redigidas com uma intenção especificamente pedagógica daquelas que foram escritas para o lazer. [...] É o caso particular das histórias ou dos poemas escritos para as crianças; é igualmente o caso das antologias, que podemos dar uma breve ilustração: um conjunto, passado em revista de maneira aleatória, de vinte e sete antologias publicadas no século XVIII podem ser avaliadas entre aquelas que não trazem nenhuma indicação de intenção pedagógica até as que são indicadas como obras de classes"⁶². Dez anos mais tarde, Michael propõe classificar as

⁶¹ Paul Brouzeng, «La vulgarisation scientifique au XIX^e siècle en France et l'esprit de l'*Encyclopédie* de Diderot et d'Alembert», in Jacques Michon, Jean-Yves Mollier (dir.), *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIII^e siècle à l'an 2000*, Québec/Paris, Les Presses de l'Université Laval/ L'Harmattan, 2001, p. 492; *Le Tour de la France par deux enfants*, de G. Bruno (pseudônimo de Augustine Fouillée) foi reeditado pela editora Belin até 1960, e são conhecidas inúmeras traduções e imitações. Ver o estudo muito bem documentado de Marie-Angele Félicité, *Le Tour de la France par deux enfants de G. Bruno. Rééditions, adaptations, imitations et historiographie de 1877 à nos jours. Du manuel scolaire au patrimoine: mémoire nationale et identité française?*, dissertação de Mestrado em história contemporânea sob a direção de Sylvaine Guinle-Lorinet, Université de Pau et des Pays de l'Adour, 2005; ver também Patrick Cabanel, *Le tour de la nation par des enfants: romans scolaires et espaces nationaux, XIX^e-XX^e siècles*, Paris, Belin, 2007 (Histoire de l'éducation).

⁶² «It is difficult, however, and will perhaps prove impossible, usefully to make any general distinction between works written with a specifically pedagogical purpose and those written for entertainment. [...] This is specially true of stories and verse written

antologias em quatro categorias: as antologias destinadas somente para uso doméstico (H); aquelas que foram inicialmente utilizadas em casa, mas que podem ser utilizadas na escola (HS); as que foram principalmente destinadas para um uso exclusivamente escolar, mas que podem ser lidas em casa (SH); aquelas, enfim, que foram redigidas para um uso puramente escolar (S). Mas ele teve de se convencer, depois de ter submetido a exame algumas obras, os limites de seu método: por um lado, o título tem ressonâncias didáticas, mas o formato é doméstico; por outro, o autor declara ter concebido a obra para seus alunos e para a juventude em geral ("*for my pupils, as well as for young people of every description*")⁶³.

Harper aborda igualmente as questões ligadas à definição e à classificação dos manuais, de seus conteúdos e das disciplinas escolares. Esse recurso de esclarecimento, que deve muito ao trabalho de Ian Michael (aliás agradecido por Harper), é um aporte essencial de seu artigo: "O continuum que engloba livros escolares e diversas categorias de livros não escolares merece talvez ser estudado em si mesmo. Para algumas disciplinas, constatamos uma evolução depois dos livros polivalentes (*multipurpose books*), cujo objetivo é por sua vez de divertir, de elevar o sentimento moral e de educar *stricto sensu*, em direção a uma diferenciação colocada entre livros escolares e livros não escolares. Se podemos descobrir um meio de avaliar a "manualística" ("*textbookness*"), será

for children; it is also true of anthologies, from which it can be more concisely illustrated. A group of 27 anthologies, inspected at random, ranges from collections made without pedagogical intent to those which are offered as school texts]: Ian Michael, «The Historical Study of English as a Subject; a Preliminary Inquiry into some Questions of Methods», *History of Education*, 8, 3, 1979, p. 202.

⁶³ Ian Michael, «Home or school? On distinguishing schoolreading from home reading», *Paradigm*, 3, 1990, p. 11.

interessante estudar em quais momentos as diferentes disciplinas atendem os diversos graus da diferenciação do livro escolar"⁶⁴.

Descobrimos sensíveis análises no mundo latino: o brasileiro Leonardo Arroyo, por exemplo, escreve desde 1968: "Não existe, no último século, separação entre os livros de puro divertimento e aqueles de leitura para aquisição dos conhecimentos e estudo nas escolas"⁶⁵. Trinta anos mais tarde, Paolo Bianchini traça um balanço similar: "Se o processo de especialização do livro de instrução como sua evolução em direção ao manual, durante o século XIX, aparece claramente tanto na definição do conteúdo das obras, que apresentam às vezes formas extremamemnte diversas de acordo com as matérias que abordam e o nível dos alunos aos quais se destinam, quanto na profissionalização daqueles que os produzem – editores e autores –, tais transformações tiveram também reflexo na definição dos leitores. É inegável que, nas primeiras décadas do século XIX ainda, a distinção entre livros escolares e livros destinados à um público extra-escolar é ainda bem frágil"⁶⁶. Mas essa "fragilidade" não é

⁶⁴ «*This continuum of textbooks with various non-textbook categories is perhaps itself worthy of study. Some subjects show a development from 'multipurpose' books, intended simultaneously for entertainment, moral uplift, and education stricto sensu, to a clear differentiation of textbooks from non textbooks. If a means for assessing 'textbookness' could be found, it would be of interest to study the times at which different subject reached different degrees of textbook differentiation*»: *ibid.*, p. 33.

⁶⁵ «*Não ha uma nítida separação entre os livros de entretenimento puro e os de leitura para aquisição e estudo nas escolas, durante o século passado*»: Leonardo Arroyo, *Literatura infantil brasileira – ensaio de preliminares para sua história e suas fontes*, São Paulo, Melhoramentos, 1968, p. 93.

⁶⁶ «*Se il processo di specializzazione del libro per l'istruzione e la sua evoluzione in manuale nel corso dell'Ottocento appaiono ben visibili nella definizione del contenuto dei testi, i quali assunsero forme estremamente diverse a seconda delle materie che trattavano e del livello degli studenti a cui si rivolgevano, così come nella professionalizzazione di coloro che li producevano – editori ed autori – tali trasformazioni determinarono sensibili ricadute anche nella definizione dei lettori. Sino ancora ai primi decenni dell'Ottocento, infatti, rimase labile la distinzione tra testi*

resultado de um conhecimento e ainda imperfeito dos fenômenos econômicos? Hoje, as produções escolares se caracterizam pela parcimônia relativa de seu custo unitário, consequência da importância dos números de tiragem e, em numerosos países, das subvenções públicas que são beneficiados. Se o mercado da edição escolar e o papel que exerce a pujança pública na sua regulação e seu desenvolvimento, nos séculos XIX e XX, são nos últimos quinze anos objeto de estudo em numerosos países, as questões financeiras (aquelas dos preços de venda, especialmente), ao contrário, ainda não têm sido abordadas pelos historiadores.

2.4 *Literatura escolar e literatura da infância e da juventude*

Uma outra questão recorrente, e que não é sem relação com a questão precedente, é a relação entre a literatura da infância e da juventude (*children literature*) e a literatura escolar. Se a literatura da infância e juventude se define antes de tudo por seu público, dito de outra forma pela idade dos leitores, a literatura escolar poderá se compreender, exceção que exclui os graus superiores (talvez) e os livros destinados aos professores (certamente, aqueles que põem sérios problemas de métodos), como uma categoria vizinha, ou um sub conjunto da literatura da juventude.

Essa é a opinião que sustenta Luís Vidigal quando coloca o conceito de literatura da infância e da juventude como um termo genérico: nesse sentido, os livros para crianças constituem o instrumento o mais importante do processo de aculturação aos quais são submetidos os jovens portugueses alfabetizados. Eles dão lugar às formas literárias e iconográficas variadas, possuem objetivos específicos e adotam estruturas particulares, mas assumem todos a mesma função socializadora. Vidigal os divide segundo três categorias: os catecismos e os livros

scolastici e libri destinati a un pubblico extra-scolastico». Paolo Bianchini, «Una fonte per la storia dell'istruzione...», *art. cit.*, p. 179.

de formação moral e cívica (nos quais as intenções educativas e formativas são deliberadas), os manuais escolares (que têm todas as finalidades ligadas à instrução), e, enfim, as obras para a juventude (que, caracterizadas desde a origem por uma intenção educativa e formativa, evoluiu para produtos que visam antes de tudo divertir, sem abandonar no entanto seu objetivo de educação)⁶⁷.

É a área que leva muitos bibliotecários a integrar os livros de classe nos fundos da literatura da juventude⁶⁸; é também a posição que adotaram alguns pesquisadores quando empreenderam a tarefa de constituir repertórios, especialmente para o período anterior ao desenvolvimento dos sistemas educativos nacionais⁶⁹. A fronteira entre os livros escolares e os livros da juventude aparece incerta e inconstante⁷⁰. Também, desde muito tempo, que as políticas nacionais do livro escolar, que aparecem a partir do fim do século XVIII (desde 1777 na Polônia⁷¹, em 1793 na França⁷², em 1813 na Espanha⁷³, em

⁶⁷ Luís Vidigal, «Entre o exótico e o colonizado: imagens do outro em manuais escolares e livros para crianças no Portugal imperial (1890-1945)», in Antonio Novoa, Marc Depaepe, Erwin Johannimgmeyer, Diana Soto Arango (dir.), *Para uma história da educação colonial. Hacia una historia de la educación colonial*, Porto/Lisboa, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação/EDUCA, 1996, p. 384.

⁶⁸ John Edmund Vaughan, *The Liverpool Collection of Children's Books: geography textbooks in English published before 1914*, Liverpool, University of Liverpool, Education Library, 1983.

⁶⁹ Por exemplo: Alexander Law, *Schoolbooks and textbooks in Scotland in the 18th century: a handlist, with introduction and notes*, Edinburgh, National Library of Scotland, 1989; Michel Manson, *Rouen, le livre et l'enfant de 1700 à 1900: la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse*, Paris, INRP, 1993; Petrus J. Buijnsters, Léontine Buijnsters-Smets, *Bibliografie van Nederlandse school- en kinderboeken 1700-1800*, Zwolle, Waanders, 1997.

⁷⁰ John Fauvel, «On the border of textbooks and children's books: D. E. Smith's "Number Stories of Long Ago"», *Paradigm*, 3, 1990, pp. 3-5.

⁷¹ Czesław Majorek, «Podręczniki Komisji Edukacji Narodowej w aspekcie rozwiądydacyjnych (1777-1792)» [Os livros escolares da CoMissão de

1834 na Grécia⁷⁴, etc.), não têm produzido seus efeitos, os dois gêneros se encontram muito imbricados⁷⁵. É o que observa Françoise Huguet para a produção francesa: "De um lado, os livros 'recreativos' se tornam também 'instrutivos' e, por outro lado, os manuais (de geografia, de história, de ciência, etc.) são recheados de anedotas, historietas e de contos morais, segundo a idéia muito divulgada de tornar a instrução 'útil e divertida'"⁷⁶.

A incerteza é particularmente forte quando se refere aos níveis pré-elementares e elementares⁷⁷, e mais ainda quando o livro é uma mercadoria rara: "Numerosos colecionadores não consideram os primeiros livros de leitura (*primers*) como os livros para crianças, escreve Charles-Frederick Heartman nos anos 1920. É possível que eles não sejam no sentido estrito, sobretudo se são definidos os livros para crianças como as publicações

Educação nacional analisados do ponto de vista dos métodos de ensino (1777-1792)], *Rozprawy z Dziejów Oświaty*, XVI, 1973, pp. 69-140.

⁷² Alain Choppin, Martine Clinkspoor, *Les manuels scolaires en France. Recueil des textes officiels (1791-1992)*, Paris, INRP/Publications de la Sorbonne, 1993 (Collection Emmanuelle, 4).

⁷³ Manuel de Puelles Benítez, «La política del libro escolar en España (1813-1939)», in Agustín Escolano Benito (dir.), *Historia ilustrada del libro escolar...*, op. cit., t. II, pp. 47-68.

⁷⁴ Christina Koulouri, Ekaterini Venturas, «Les manuels scolaires dans l'État grec», *Histoire de l'éducation*, n° spécial 58, art. cit., mai 2002, pp. 9-26.

⁷⁵ A questão é particularmente árdua para os países que, como a Inglaterra, que não (ou tardiamente) organizaram seu sistema educativo em um contexto nacional ou regional.

⁷⁶ Françoise Huguet, *Les livres pour l'enfance et la jeunesse de Gutenberg à Guizot*, Paris, INRP/Klincksieck, 1997, p. 13.

⁷⁷ Um exemplo muito recente é dado pela contribuição de Anne Staples que, apesar do título, é consagrado na essência aos manuais de aprendizagem da leitura no México: «Literatura infantil y de jóvenes en el siglo XIX», in Lucia Martínez Moctezuma (dir.), *La infancia y la cultura escrita*, Mexico, Siglo XXI editores/Universidad autónoma de Morelos, 2001, pp. 339-350.

destinadas para os entreter ou divertir. Tentar diferenciar essas publicações com uma rigorosa definição, é se aventurar sobre um terreno escorregadio ou, bem entendido, deve ter em conta sua imbricação, para não dizer nada, porque os livros de leitura são, ao menos até a Revolução americana, as únicas obras que as crianças possuem"⁷⁸.

O fato parte de uma concepção moderna da literatura da infância e da juventude, uma concepção onde o prazer da leitura e o apelo ao imaginário tem um lugar essencial. As obras destinadas aos jovens alunos tiveram, por muito tempo, objetivos essenciais de edificação religiosa, de submissão aos códigos morais e sociais ou ainda, mais próximo de nós, a transmissão de saberes "úteis" ou a inculcação de valores patrióticos. A idéia que uma criança tem de um material de leitura apropriado a sua idade e aos seus centros de interesse é um fenômeno relativamente recente.

Anne-Élisabeth Spica constata assim que a invenção, na França do século XVII, de uma literatura da juventude escolarizada, que é frequentemente associada a imagem ao texto, é para nós paradoxal: "Estes livros que preconizam a leitura, estes livros que são apresentados como literatura da juventude, são obras que levam, segundo nossos critérios, à erudição"⁷⁹. Na Inglaterra,

⁷⁸ «*Many collectors do not consider Primers children's books. Perhaps in a strict sense they are not, particularly when one defines children's books as something gotten out for the amusement or entertainment of children. Any strict definition trying to differentiate will tread on dangerous grounds for, of course, there is the interlocking character to be considered, to say nothing from the fact that, after all, at least until the American Revolution, Primers were practically the only books owned by children*»: Charles Frederick Heartman, *American primers, Indian primers, Royal primers, and thirty-seven other types of non-New-England primers issued prior to 1830; a bibliographical checklist embellished with twenty-six cuts, with an introduction & indexes compiled by Charles F. Heartman*, Highland Park (New Jersey), H. B. Weiss, 1935, p. XVII.

⁷⁹ Anne-Élisabeth Spica, «Si la lecture m'était contée: littérature de jeunesse et ouvrages didactiques au XVII^e siècle», in Pierre-Marie Beaude, André Petitjean, Jean-Marie Privat, *La scolarisation de la littérature de jeunesse. Actes de colloque*, Metz, Université de Metz, 1996, pp. 20-21.

esta evolução foi precoce, como ilustra a coleção de obras de John Newbery, constituída no início dos anos 1740, porque nesse país, recorda Christopher Stray, a emergência de uma sociedade urbana e de uma elite de ricos proprietários suscita um interesse novo para a educação: "Esse novo mundo [das crianças], para as quais alguns disseram que o capital pode se transformar em cultura, comporta ele mesma uma dimensão comercial através da publicação de livros destinados às crianças"; esse setor conheceu um desenvolvimento muito importante que o poder público que se preocupa com as questões educativas muito mais tardiamente que outros locais⁸⁰. No seu estudo, já antigo, sobre a história da literatura da juventude, Monica Kiefer assinala que esse fenômeno se observa somente no fim do século XVIII nos Estados Unidos: "A revolução americana corresponde não somente ao início da liberdade política para o povo americano, mas também a emancipação da criança americana"⁸¹. Keith Hoskins pensa o mesmo, que a primeira obra americana de leitura que leva em conta a psicologia de seus jovens leitores (propõe, especialmente, dois volumes distintos segundo a idade) é *Cobwebs to catch flies, or dialogues in short sentences, adapted to children from the age of three to eight years*, publicado em 1783, por Lady Fenn pela editora J. Marshall. Mas é também, paradoxalmente, essa "revolução pedagógica" que o fez considerar essa obra como um livro escolar: "Os livros, como *Cobwebs*, reconhecem de imediato que aquilo que aprendem é uma parte do problema da aprendizagem"⁸².

⁸⁰ Christopher Stray, «*Quia nominor leo...*», art. cit., pp. 74-75.

⁸¹ «*The American Revolution marked the beginning not only of the political freedom of the American people, but also the emancipation of the American child*»: Monica Kiefer, *American children through their books*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1948, p. 229. A obra, apesar de ser muito antiga, traz uma importante bibliografia sobre a história da literatura para a juventude (com algumas referências sobre literatura escolar).

⁸² «*Books like Cobwebs suddenly acknowledge that the learner is part of the learning problem*»: Keith Hoskin, «Further Moves towards a Definition», *Paradigm*, 3, July 1990, p. 9. Sobre a obra de Lady Fenn, que o título pode ser traduzido por

Se certas produções destinadas à juventude puderam ascender ao estatuto escolar, tais como *Milot*, de Charles Vildrac, na França, ou *Il Viaggio per l'Italia di Giannettino*, de Carlo Collodi, na península italiana⁸³, o inverso é igualmente verdadeiro. O manual que publica, em 1920, o brasileiro José Bento Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*, coloca em cena uma menina de 10 anos, Narizinho, e sua boneca, Emília, uma boneca que fala, discute, argumenta, contesta e cujo desrespeito é compensado pela curiosidade⁸⁴. A obra tem um sucesso considerável e Monteiro Lobato monta a sua própria editora, Editoria Nacional – que é hoje uma das mais importantes editoras escolares brasileiras, I.B.E.P./Nacional – para explorar os direitos das edições posteriores; ele também criou uma coleção de obras destinadas por sua vez à juventude, mas muito parecidas com o manual inicial, como *Emília e a Aritmética*, que coloca em cena, ao lado de Emília, um outro boneco que se tornará também popular para os brasileiros, o Visconde de Sabugosa. Hoje e depois de quase meio século, a televisão brasileira apresenta uma série muito popular com os personagens dos livros de Monteiro Lobato e de músicas que foram compostas especialmente para esses programas. Vemos aqui que, em um país que não tem tradição de leitura familiar, é através da escola que se desenvolve o gosto pela leitura, e que a fronteira entre o livro escolar e o livro da juventude é, por sua vez, um pouco mais tênue.

Afinal, não é o conteúdo explícito, mas a destinação que será o critério decisivo. O livro para a juventude se define então, segundo Françoise Huguet, por seu contrário padrão: "Desde que

«As teias de aranha para apanhar as moscas», ver Joyce Irene Whalley, *Cobwebs to Catch Flies: illustrated books for the nursery and schoolroom, 1700-1900*, London, Elek, 1974.

⁸³ Charles Vildrac, *Vers le travail, Milot*, Paris, SUDEL, 1933; Carlo Collodi, *Il viaggio per l'Italia di Giannettino*, Florence, F. Paggi, 1882-1886, 3 vol.

⁸⁴ Marisa Lajolo, Regina Zilberman, *Literatura infantil brasileira. História e Histórias*, São Paulo, Editora Atica, 1985.

uma obra é explicitamente e exclusivamente destinada à uma instituição escolar, será considerada como um manual e excluído [do *corpus* de livros para a juventude]⁸⁵. Resta, no entanto, o caso, longe de ser marginal, das obras que se dirigem explicitamente ao meio escolar e ao meio familiar e, mais recentemente e não limitada à França, a inclusão progressiva das obras de literatura para a juventude no conjunto do curso escolar⁸⁶.

2.5 Livros escolares e livros religiosos

Uma outra fronteira, também delicada de ser traçada, é aquela que separa o livro escolar do livro religioso⁸⁷. Podemos colocar a questão de saber se esta distinção tem realmente sempre um sentido, tanto a imbricação entre religião e educação foi ou está sendo, em muitas regiões, forte se não *de facto* não se pode dissociar. A evangelização, protestante especialmente, foi um importante fator de alfabetização. As missões tiveram, e permaneceram em certos países, um elemento essencial do desenvolvimento da escolarização; graças as atividades editoriais internacionais de certas comunidades, elas participaram e

⁸⁵ Françoise Huguet, *Les livres pour l'enfance...*, *op. cit.* É também o modo de definição que dá hoje o Sindicato nacional de editores na obra *L'édition de livres en France*, Paris, SNE, 1999, pp. 59 *sqq.*: «São todas as obras destinadas aos jovens de menos de quinze anos com exceção das obras escolares».

⁸⁶ Nicole Robine, «L'apparition et le développement de la scolarisation de la littérature de jeunesse à travers les enquêtes sur la lecture des jeunes en France (1954-1995)», in Pierre-Marie Beaude, André Petitjean, Jean-Marie Privat, *La scolarisation de la littérature de jeunesse*, *op. cit.*, pp. 33-46.

⁸⁷ Leslie Howsam, «Beliefs, Ideologies, Technologies: Locating Religion in the History of the Book», in Jacques Michon, Jean-Yves Mollier (dir.), *Les mutations du livre et de l'édition...*, *op. cit.*, pp. 414-421.

participam sempre, no domínio educativo especialmente, da circulação e da difusão das idéias e dos impressos⁸⁸.

É inicialmente sobre esses textos, cujo conteúdo remete à religião, que se efetuam as primeiras aprendizagens, na Cristandade especialmente: os primeiros livros de leitura europeus são os *psautiers*, os livros de oração ou ainda os catecismos, cuja organização por perguntas e respostas sobreviveu muito tempo a mensagem religiosa original⁸⁹. E mesmo quando os poderes públicos tomam medidas para organizar um ensino popular, o catecismo constitui freqüentemente o primeiro manual que é colocado nas mãos das crianças, como por exemplo na Suécia,

⁸⁸ Paul Aubin, «La pénétration des manuels scolaires de France au Québec. Un cas-type: les frères des Écoles chrétiennes, XIX^e-XX^e siècles», *Histoire de l'éducation*, n° 85, janvier 2000, pp. 3-24. Ver também o catálogo informatizado dos manuais publicados pela comunidade de Irmãos das Escolas cristãs em vinte países (mais de 6000 títulos) no endereço: <http://www.bibl.ulaval.ca/ress/manscol/diaspora/francais/fec.html>

⁸⁹ A forma de exposição catequética não tem somente sido utilizada para a formação religiosa, mas também para a formação cívica, política, agrária, etc. «P. O que é um catecismo? R. Um catecismo é a explicação racional, por perguntas e respostas, e de uma maneira simples e abreviada, de preceitos de crença, de uma doutrinae, em geral, de todo o conhecimento que pode formar um ensino rudementar fundamental»: Élie Cassiat, *Petit catéchisme national*, Nevers, Mazon, ca 1900, p. 9 (referência amavelmente fornecida por Jean-Charles Buttier). Ver também, as três numerosas publicações: Anne Staples, «El catecismo como libro de texto durante el siglo XIX», in Roderic Ai Camp (dir.), *Los intelectuales y el poder en México. Memorias de la VI Conferencia de Historiadores Mexicanos y Estadounidenses*, Mexico/Los Angeles, El Colegio de Mexico/University of California, 1991, pp. 491-506; Eugenia Roldán Vera, «Reading in Questions and Answers: the catechism as an educational genre in early independent Spanish America», *Book History*, 4, 2001, pp. 17-48; Alfonso Capitan Diaz, *Los catecismos políticos en España, 1808-1822*, Granada, Caja de Ahorros, 1978; Barnabé Bartolomé Martínez, «El catechismo come género didáctico. Usos religiosos y laicos del modelo catequético», in Agustín Escolano Benito (dir.), *Historia ilustrada del libro escolar...*, op. cit., t. I, pp. 399-424.

com o *Petit catéchisme* de Martin Luther⁹⁰. A língua tem guardado traços patentes das origens religiosas da literatura escolar: é o caso do italiano *saltiero* (Psautier) que continua até o século XIX a ser pregado conjuntamente com o *abecedário*; ou do alemão *Fibel*, substantivo que é sempre utilizado nos dias de hoje e pelo qual dicionários dão o equivalente *Erstlesebuch* (primeiro livro de leitura) ou *Lesebuch für Anfänger* (livro de leitura para iniciantes), isto é o equivalente do inglês *primer*. Esse termo não tem nada a ver com a palavra que designa um ágrafo ou um fivela: ela decorre da pronúncia infantil e deformada do alemão *Bibel*, os primeiros alfabetos e livros de leitura estão compostos de expressões ou de curtas passagens emprestadas da Bíblia⁹¹. Do mesmo modo, o substantivo anglo-saxão *primer*, que designa na origem um livro de orações destinado ao laicos, remete ao ofício monástico da primeira hora (*prima hora*)⁹². Apesar de que frequentemente as palavras substituem as coisas que em um tempo designavam, alguns destes termos se aplicam ainda hoje às obras que não apresentam nenhum conteúdo religioso⁹³.

A questão das relações entre literatura escolar e literatura religiosa parecem mais claras desde que, no espaço escolar, o

⁹⁰ Dr M. Luthers *Lilla katekes i sitt ursprungliga skick efter en på biblioteket i Strengnäs förvarad upplaga af år 1570*, Stockholm, 1843. O ensino primário sueco foi organizado pelo decreto de 1842 e colocado sob a tutela da Igreja.

⁹¹ Renate Schäfer, «Die gesellschaftliche Bedingtheit des Fibelinhalts. Ein Beitrag zur Geschichte des Erstlesebuchs. Teil IV», *Jahrbuch für Erziehungs- und Schulgeschichte*, XII, 1972, pp. 105-138; Michael Beyer, «Der Katechismus als Schulbuch; das Schulbuch als Katechismus», in Heinz-Werner Wollersheim (dir.), *Die Rolle von Schulbüchern für Identifikationsprozesse in historische Perspektive*, Leipzig, Leipziger Universität Verlag, 2002, pp. 97-106.

⁹² *Catholic Encyclopedia*, New York, R. Appleton, 1907-1912, vol. XII, verbete «Primer».

⁹³ Por exemplo para o período 1950-1990 na ex-R.D.A.: Bärbel Mager, «Zum Mädchen- und Frauenbild in Kinderliteratur des DDR: am Beispiel der Fibeln und der "ABC-Zeitung" 1950-1990», in *Ambivalenzen der Pädagogik*, Wernheim, 1995, pp. 281-288.

ensino de religião se efetue, como as outras "matérias", com a ajuda de um manual particular. Isso supõe uma secularização dos conteúdos do ensino que não é somente universal, mas que, quando se produz, não é produzido para todos no mesmo ritmo nem em condições idênticas. Geralmente, há a tendência de considerar que as Igrejas protestantes têm acompanhado muito esse processo de secularização enquanto que a Igreja Católica a combateu. É assim que na França, a laicização dos programas e a exclusão da escola pública de todos os manuais de ensino da religião, em 1882, provocou uma divisão não somente do sistema educativo, mas também no contexto de uma "guerra dos manuais", da edição escolar.

Alguns pesquisadores estimam que essa secularização dos conteúdos educativos corresponde ao nascimento do manual moderno: é especialmente o caso para Hilde Coeckelberghs⁹⁴ que situa esse acontecimento na Alemanha, no fim do século XVIII, com a publicação, em Potsdam em 1776, do primeiro livro de leitura que podemos considerar profano, *Der Kinderfreund* de Friedrich Eberhard von Rochow, uma obra que foi muitas vezes reeditada e traduzida em múltiplas línguas. Tamém é o dado de Hermann Helmers que calculou que só 10% do conteúdo dessa obra remete à instrução religiosa, contra 70% de exemplos morais e 20% de conselhos práticos⁹⁵. Joachim Max Goldstrom partilha igualmente essa opinião e o lugar da secularização dos conteúdos educativos no mundo anglo-saxão no início dos anos 1830 na

⁹⁴ «*Es muß profane Texte enthalten. [...] Das eigentliche Schullesebuch mit weltlichem Inhalt entstand in Deutschland im Jahre 1776*» [«Ele deve conter textos profanos. [...] É em 1776 que aparece na Alemanha o verdadeiro manual escolar de leitura com conteúdo profano»]: Hilde Coeckelberghs, «Das Schulbuch als Quelle der Geschichtsforschung. Methodologische Überlegungen», *op. cit.*, p. 10.

⁹⁵ Hermann Helmers, *Geschichte des deutschen Lesebuchs in Grundzügen*, Stuttgart, E. Klett, 1970, p. 158.

Irlanda, um processo que alcança em seguida rapidamente a Grã-Bretanha⁹⁶.

A questão não é portanto simples, pela definição de edição religiosa não é mais evidente. Yvan Cloutier assinala que ao lado da definição que se dá habitualmente, centrada sobre os conteúdos ("o conjunto dos impressos tem nos títulos uma conotação religiosa explícita: espiritualidade, Bíblia, moral, teologia, livro de oração, etc."), podemos pensar hoje uma outra, mais ampla, que se apoiando sobre a finalidade do editor "inclui todos os títulos produzidos num viés evangelizador, sem olhar a conotação explícita do conteúdo"⁹⁷. Pode então haver permeabilidade não somente entre edição religiosa e edição escolar, mas também entre edição religiosa e edição para a juventude.

3 Suportes, modalidades de difusão e de uso

Para a maioria de nossos contemporâneos, os manuais são livros impressos. Tal representação resiste a uma análise?

⁹⁶ É assim que a primeira lição do *Fourth Book* publicada em 1834 pelo Irish Commissionners (é em realidade a primeira das obras redigidas pelo departamento de comissários encarregados da elaboração do sistema educativo e da redação dos novos manuais) que tem por título *Animal and vegetable life*. Apenas 50 páginas, sobre as 340 que compõem a obra, são consagradas à religião (à história santa essencialmente): Joachim Max Goldstrom, *The Social Content of Education, 1808-1870: a study of the working class school reader in England and Ireland*, Shannon, Irish University Press, 1972.

⁹⁷ Yvan Cloutier, «Les communautés éditrices et l'avenir du livre religieux», in Jacques Michon, Jean-Yves Mollier (dir.), *Les mutations du livre...*, op. cit., pp. 422-423. É essa segunda aproximação que é adotada implicitamente pelo irmão Michel Albéric, Jacques Mignon, «L'édition religieuse en France», in Pascal Fouché (dir.), *L'édition française depuis 1945*, op. cit., pp. 279-311.

3.1 *Os manuais manuscritos*

Convém, no entanto, levantar uma ambigüidade terminológica. Não é o caso de tratar das obras impressas com a ajuda de caracteres semelhantes àqueles da escrita manual, que foram publicados no início do século XIX à metade do século XX, para exercitar alunos e adultos na leitura de documentos manuscritos ou para reprodução caligráfica⁹⁸. A questão que nos preocupa pode ser assim formulada: existiram manuais manuscritos ou, se preferirmos, obras não impressas que podem ser consideradas como manuais?

Para o historiador Henri-Irénéé Marrou, o manual escolar existe desde a Antigüidade, quando o suporte é ainda o rolo de papyrus (*volumen*): "Desenrolar o precioso manual escolar que é o papyrus Guéraud-Jouguet; ele começa por lições absolutamente elementares, sílabas e provavelmente o alfabeto, para chegar a uma antologia de textos poéticos de real dificuldade; seu estudo completo deverá exigir vários anos"⁹⁹. Independente do suporte, é esta organização do documento – a apresentação dos conteúdos seguido de uma progressão que vai do simples ao complexo – que valida o pertencimento à categoria dos manuais escolares.

Pierre Riché relaciona o aparecimento do manual, no início da era cristã, ao *codex*, manuscrito que consiste na reunião de folhas de pergaminho ligadas ou costuradas, de forma semelhante aos livros atuais, que permitem a manipulação mais fácil¹⁰⁰. Para outros, como Henri-Jean Martin, o advento do manual está relacionado com o nascimento e o desenvolvimento

⁹⁸ Agustín Escolano Benito, «Los manuscritos escolares», in Agustín Escolano Benito (dir.), *Historia ilustrada del libro escolar...*, op. cit., t. I, p. 345-372.

⁹⁹ Henri-Irénéé Marrou, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Paris, Seuil, cop. 1948, vol. 1: «Le monde grec», p. 233.

¹⁰⁰ Pierre Riché, *Éducation et culture dans l'Occident barbare VI^e-VII^e siècle*, Paris, Seuil, 1962, pp. 510-530.

das universidades, no século XIII no Ocidente¹⁰¹: se difundem então "os manuscritos de médio e pequeno formato destinados ao ensino (manuais e coleção/antologia de textos)"¹⁰², aliado com a instituição de um sistema de multiplicação e de difusão de cópias manuscritas certificadas, a *pecia*¹⁰³. Paralelamente, a organização espacial da página e a generalização das ferramentas de leitura moderna (capítulos, index, etc.) traduzem a substituição de uma leitura rápida e fragmentária para uma leitura fundada sobre a memória somente¹⁰⁴.

Se a aparição e o desenvolvimento da imprensa não constitui, como mostra Henri-Jean Martin, uma ruptura brutal com os usos precedentes, esta evolução tecnológica é entretanto a origem da edição escolar moderna, caracterizada principalmente pela abundância de tiragens, a continuidade da produção e a obsolescência muito rápida dos produtos: "por outro lado, o mercado do livro escolar é na indústria editorial o rabo que, segundo o provérbio, agita o cachorro"¹⁰⁵. Uma das primeiras obras publicadas pela Sorbonne foi, por outro lado, um modelo de estilo

¹⁰¹ Michael Baldzuhn, «Avian im Gebrauch. Zur Werwendung von Schulhandschriften im Unterricht», in Christel Meier, Dagmar Hüpper, Hagen Keller (dir.), *Der Codex im Gebrauch. Akten des Internationalen Kolloquiums 11. – 13. Juni 1992*, Munich, Wilhelm Fink Verlag, 1992, pp. 183-196 (Münstersche Mittelalter-Schriften, 70).

¹⁰² Lucien Febvre, Henri-Jean Martin, *L'apparition du livre...*, *op. cit.*, p. 101. Ver também Hedwig Gwosdek, *A checklist of English grammatical manuscripts and early printed grammars ca 1400-1540*, Münster, Nodus-Publ., 2000 (The Henry Sweet Society studies in the history of linguistics, 6).

¹⁰³ Lucien Febvre, Henri-Jean Martin, *L'apparition du livre...*, *op. cit.*, pp. 24-26.

¹⁰⁴ Guglielmo Cavallo, Roger Chartier (dir.), *Histoire de la lecture dans le monde occidental*, Paris, Seuil, 1997, pp. 125-126 (L'Univers historique).

¹⁰⁵ «In many respects, the textbook market is the proverbial tail that wags the dog in the publishing industry»: Philip G. Altbach, *The Knowledge Context: comparative perspectives on the distribution of knowledge*, Albany, State University of New York Press, 1987, p. 6.

para a juventude, as *Lettres* de Gasparin de Pergame, que a tradição designa como o primeiro manual escolar francês¹⁰⁶.

A generalização da imprensa significa o desaparecimento dos manuais manuscritos (*Schulhandschriften*)? A questão tem alguma pertinência, mas é difícil dar uma resposta clara na medida em que os documentos desse tipo não são depositados nas bibliotecas e que, na medida em que eles existem, sua reprodução foi muito restrita, sua difusão confidencial e sua preservação aleatória. Observando as obras que se assemelham aos manuais manuscritos, mas que muitas vezes são cursos anotados pelos estudantes¹⁰⁷, que descobrimos nos arquivos de estabelecimentos, nos arquivos municipais, ou ainda em lojas de alfarrábios, são manuscritos de obras aparentemente que não foram jamais reproduzidas ou impressas¹⁰⁸, manuais destinados a um ilustre aluno¹⁰⁹ ou obras de obscuros professores primários; identificamos alguns fundos, geralmente ligados à abertura de concursos para a composição de obras escolares¹¹⁰; também dispomos de três raros

¹⁰⁶ *Gasparini pergamensis clarissimi oratoris epistolarum liber foeliciter incipit. Sur cet ouvrage, voir Jacques-Charles Brunet, Manuel du libraire, Paris, Didot, 1861, vol. 2, col. 1498.*

¹⁰⁷ Ver http://www.inrp.fr/she/cours_magistral/cm_ress_doc.html

¹⁰⁸ Ruth Franke, *Peter van Zirns Handschrift; ein deutsches Schulbuch vom Ende des 15. Jh*, Berlin, E. Ebering, 1932 (Germanische Studien, Heft 127).

¹⁰⁹ Oscar de Incontrera, «Un précieux manuscrit de la bibliothèque de Trieste: la grammaire latine de Louis XVII», *Cahiers Louis XVII*, 14, 1998, pp. 13-28.

¹¹⁰ São conservados nos Archives nationales de France uma série de manuscritos destinados ao júri de concurso dos livros elementares do ano II (F¹⁷ 1331b), também os destinados ao júri de um concurso aberto na primavera de 1830 para a composição de um livro de leitura corrente (F¹⁷ 1331b, F¹⁷ 11 649 et 11 650). Na França, a obrigação de submeter a utilização dos manuais nas salas de aula à autorização prévia de uma comissão que decidiu, em 1811, de não mais examinar as obras manuscritas, limitou certamente as produções manuscritas.

catálogos¹¹¹. Na ausência, segundo nosso conhecimento, de trabalhos específicos, essa questão permanece aberta. Um certo número de testemunhos de pesquisadores que trabalham, com outras preocupações, sobre os fundos de arquivos manuscritos ainda não inventariados, levam no entanto a pensar que tais manuais têm certamente circulado localmente até época muito recente¹¹².

3.2 *As folhas clássicas: o anel que faltava?*

As "folhas clássicas", recentemente estudadas por Marie-Madeleine Compère, constituem produtos editoriais utilizados nos colégios do século XVI e XVII, para a preleção dos textos em latim e grego¹¹³. Antes da tipografia, o regente de classe ditava o texto que ele deveria analisar, antes de passar à sua explicação. Em sua definição completa, a "folha clássica" é composta de duas entidades: um livro impresso, que reproduz o texto do autor e que tem nas entrelinhas e/ou nas margens anotações manuscritas; um caderno anexo inteiramente manuscrito, ligado ao final do texto

¹¹¹ Olivier Réjean, Fernand Boulet, *Catalogue descriptif de quelques manuels scolaires manuscrits datant de 1811 au début du XX^e siècle, en possession des Archives et exposés à la Bibliothèque à l'occasion de la Semaine nationale de l'éducation du 30 mars au 3 avril 1981*, L'Assomption, Collège de L'Assomption, Archives et Bibliothèque, 1981.

¹¹² «O documento mostra os signos de uso intenso, as páginas são lustradas e escurecidas por gerações de dedos professorais»: Ollivier Hubert, «Un manuel manuscrit d'histoire moderne au Collège de Montréal au début du XIX^e siècle», in Monique Lebrun (dir.), *Le manuel scolaire...*, op.cit., CD-Rom, partie 9, texte 4, p. 3; Pierre Caspard também encontrou manuais manuscritos, redigidos no século XVIII e destinados ao ensino primário, nos arquivos do principado de Neuchâtel, na Suíça.

¹¹³ Marie-Madeleine Compère, «Les "feuilles classiques", un support pour la prélection des textes latins et grecs (XVI^e-XVII^e siècles)», consultable en ligne à l'adresse:

http://www.inrp.fr/she/cours_magistral/expose_feuilles_classiques/expose_feuilles_classiques_complet.htm

impresso. Esses diversos lugares de anotação (entrelinhas, margem e caderno anexo) correspondem, a grosso modo, aos três níveis possíveis (paráfrase latina do texto, tradução em francês, explicação frase por frase ou comentário global).

Além de dispensar o aluno de pegar o texto ditado e garantir sua integridade e correção, esse novo instrumento permite que cada estudante ter anotações manuscritas, o que traduz e implica uma modificação das práticas de ensino. Pelo seu custo modesto e seu uso individual, a "folha clássica" constitui uma etapa essencial para a emergência de uma edição escolar normatizada e autônoma.

Várias hipóteses podem então avançar: por um lado, a folha clássica, pelos seus conteúdos e sua estrutura, anunciará as obras *ad usum Delphini*¹¹⁴ e, freqüentemente o que convém chamar as "edições clássicas", edições críticas das obras canônicas em que o aparelho didático (explicações, comentários, questionários, dossiês temáticos,...) não deixam de perder sua amplitude com o tempo¹¹⁵; por outro lado, a coexistência do impresso e do manuscrito lembra, em todos os contextos, as formas editoriais mais modernas, cadernos de exercícios ou produções paraescolares, em que a atividade do leitor é formalmente solicitada¹¹⁶.

¹¹⁴ Catherine Volpillac-Auger (dir.), *La collection Ad usum Delphini. L'Antiquité au miroir du Grand Siècle*, Grenoble, Ellug, 2000. Esta coleção, que contém sessenta e quatro volumes in-quarto, foi publicada entre 1670 e 1698, visa dois objetivos: fornecer ao príncipe os textos e manuais necessários à sua educação e oferecer os instrumentos para edificar ou consolidar uma cultura do homem educado no padrão desse importante modelo.

¹¹⁵ Alain Choppin, «Le livre scolaire et universitaire», in Pascal Fouché (dir.), *L'édition française depuis 1945*, op. cit.: «Les petits classiques», pp. 322-323.

¹¹⁶ Os cadernos de exercícios (*exercise books, quaderni, cuadernos, cadernos...*) foram objeto de um número especial da revista *Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche: I quaderni di scuola tra Otto e Novecento*, 2006, 13, resultado do primeiro colóquio internacional em Macerata, na Itália, em setembro de 2007.

3.3 Os manuais para o professor: livros ou revistas?

Em primeiro lugar, devemos lembrar que antes de estarem entre as mãos dos alunos, os manuais foram os livros reservados aos professores. A aceitação persistente da forma de catecismo, com perguntas e respostas, faz com que "leiam simplesmente as interrogações com o estudante, aquele que ensina aprecia insensivelmente ao contrário daquele que é ensinado"¹¹⁷

As obras destinadas aos professores, quando existem, compreendem, em teoria, duas categorias distintas: a primeira contém os "livros do mestre" ou "livros do professor", que são associados a determinado manual de aluno e que, seguido das disciplinas e das épocas, dá as respostas às questões ou às correções dos exercícios, ou fornece ao professor as pistas para exploração pedagógica ou ainda documentos ou atividades complementares¹¹⁸; a segunda integra os livros que tratam de questões pedagógicas (condução da classe,...) ou didática (métodos de aprendizagem, ...) e são utilizados quando da formação inicial dos professores, (nesse caso, os mestres estão ainda na posição de aluno, ele podem

¹¹⁷ Resenha de uma obra do padre Claude Buffier (*Pratique de la mémoire artificielle pour apprendre et pour retenir aisément la chronologie et l'histoire universelle*, Paris, Coustelier, 1705) publicada nas *Mémoires de Trévoux*, juillet 1705, p. 1127, e citada por Annie Bruter, «L'histoire, discipline scolaire née au sein du pensionnat», in *La Flèche. Quatre siècles d'éducation sous le regard de l'État*, La Flèche, Prytanée national militaire, 2006, p. 198.

¹¹⁸ Arthur Woodward, «Taking teaching out of teaching and reading out of learning to read: a historical study of reading teacher's guides, 1920-1980», *Book Research Quarterly*, 2, 1, mars 1986, pp. 53-77; Ulrich Schubert, *Das Schulfach Heimatkunde im Spiegel von Lehrerhandbüchern der 20er Jahre*, Hildesheim, Olms, 1987 (Documenta paedagogica, 7). Alguns manuais colocados entre as mãos dos alunos comportam, às vezes, indicações destinadas aos professores, formando uma categoria que Johnsen chama de «hidden teacher's guides»: Egil Børre Johnsen, *Textbooks in the Kaleidoscope...*, op. cit., p. 319.

aprender nos manuais como os outros¹¹⁹) ou ao longo de sua vida ativa (aqueles da literatura profissional)¹²⁰.

Na França, se o díptico livro do mestre-livro do aluno aparece desde a primeira metade do século XIX – o livro reservado ao professor, que se apresenta então essencialmente sob a forma de traduções ou de correções -, aparece tão somente na segunda metade do século seguinte: é portanto uma produção que tem um desenvolvimento relativamente recente¹²¹. As funções do livro do mestre ou do professor foram substituídas, desde o início do século XIX, pelas revistas e jornais que, emanados sejam da administração, das editoras escolares, ou dos meios profissionais, estavam destinadas aos professores¹²². Esse afinidade funcional

¹¹⁹ Teresa Rabazas Romero, *Los manuales de pedagogía y la formación del profesorado en las escuelas normales de España (1839-1901)*, Madrid, UNED, 2001; Michèle Roulet, *Les manuels de pédagogie, 1820-1880: apprendre à enseigner dans les livres?*, Paris, Presses universitaires de France, 2001; António Carlos da Luz Correia, Eliane Peres, «Aprender a ser profesor a través de los libros: representación profesional, currículum escolar y modelos de aprendizaje en los manuales de pedagogía y didáctica para la formación de profesores de enseñanza primaria en Portugal (1870-1950)», in Jean-Louis Guereña, Gabriela Ossenhach Sauter, María del Mar Del Pozo Andrés (dir.), *Manuales escolares en España, Portugal y América latina (siglos XIX y XX)*, Madrid, UNED, 2005, pp. 195-213.

¹²⁰ Alberto Martínez Boom, «Del Plan de escuela al manual de enseñanza: saber pedagógico en Colombia en el siglo XVIII», *ibid.*, pp. 67-92; Mariano Narodowski, «Libros de texto de pedagogía en la formación de docentes de Buenos Aires (1810-1830)», *ibid.*, pp. 83-94; etc.

¹²¹ Ver as introduções dos diferentes volumes publicados no conjunto da coleção «Emmanuelle». Por exemplo, 9% dos manuais de latim publicados na França foram especificadamente destinados aos professores, sendo 15% no século XX e 25% depois de 1950.

¹²² Documento essencial para os historiadores, a imprensa de educação e de ensino foi, como os manuais, objeto de repertórios sistemáticos em um certo número de países: Maurits De Vroede, *Bijdragen tot de geschiedenis van het pedagogisch leven in België in de 19de en 20ste eeuw. De periodieken*, Gent/Leuven, Rijksuniversiteit/Katholieke Universiteit, 1973-1978, 3 t. en 4 vol.; Pierre Caspard (dir.), *La presse d'éducation et d'enseignement: XVIII^e siècle-1940*, Paris,

conduziu alguns pesquisadores, negligenciando uma clivagem que não é somente de natureza catalográfica (monografias/publicações em série), à integrar na categoria de manuais escolares essas publicações periódicas: "Os manuais estão disponíveis ao público sob a forma de livros mas também regularmente apresentados através de periódicos e de revistas, de forma a atender rapidamente todos os mestres do país; consideramos, por essa razão, que essas publicações, que funcionam como órgãos da Instrução pública, foram os grandes manuais dessa época"¹²³.

3.4 As "bordas" da escola: livros de prêmios, livros de bibliotecas escolares e obras paradidáticas

Três categorias de obras se situam igualmente no crescimento do mercado escolar e do mercado doméstico: os livros de prêmios, os livros de bibliotecas escolares e as publicações ditas paradidáticas, que têm por finalidade comum prolongar a mensagem educativa para além do tempo e do espaço escolar.

A entrega de prêmios é uma cerimônia cuja instituição remonta ao Antigo Regime, e o livro de prêmios, que conservamos

INRP/CNRS, 1981-1991, 4 vol., et Pénélope Caspard-Karydis (dir.), *La presse d'éducation et d'enseignement: 1941-1990*, Paris/Lyon, INRP, 2000-2003, 4 vol.; António Nóvoa (dir.), *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993; Giorgio Chiosso (dir.), *La Stampa pedagogica e scolastica in Italia: 1820-1843*, Brescia, La Scuola, 1997; Denice Barbara Catani, Cynthia Pereira de Sousa, *Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): catálogo*, São Paulo, Plêiade, 1999.

¹²³ «Los manuales eran entregados al público en forma de libros y también ofrecidos regularmente a través de los periódicos y revistas en el afán de llegar a todos los maestros del país con prontitud; por ello consideramos que dichas publicaciones, actuando como órganos de Instrucción Pública, fueron los grandes manuales de esta época»: Claudia Ximena Herrera, Bertha Nelly Buitrago, «Manuales escolares de educación física para la escuela primaria en Colombia entre 1870 y 1915», in Jean-Louis Guereña, Gabriela Ossenbach Sauter, María del Mar Del Pozo Andrés (dir.), *Manuales escolares en España, Portugal y América latina...*, op. cit., pp. 155-178.

conosco, é investido de um sentido afetivo particular. Muitos desses livros foram escritos para um público adulto¹²⁴, e nem a menção de *ex praemio* sobre as obras, nem, mais tarde, sua inscrição sobre as listas oficiais de livros destinados a serem dados em prêmio, não alteram sua concepção editorial. Numerosas editoras, como, na França, Alfred Mame à Tours, os irmãos Barbou e Martial Ardant à Limoges, Louis Lefort à Lille para os estabelecimentos confessionais, Louis Hachette, Pierre-Jules Hetzel e Charles Delagrave para as escolas públicas, ou, na Itália, a Tipografia Editrice Lombarda ou l'Editrice La Scuola, lançaram, na segunda metade do século XIX, coleções claramente identificadas, com a intenção de criar um mercado específico¹²⁵.

Presentes no Ocidente desde a Idade Média, nos monastérios e nas universidades, as bibliotecas se expandem desde o século XVI no interior dos estabelecimentos de ensino secundário (*collèges*, *grammar schools*, ...). Mas é somente no curso do século XIX, que, sob o impulso das associações, das empresas, dos responsáveis políticos, ao nível local, regional ou central, que são tomadas iniciativas em favor do desenvolvimento da leitura popular. Não existe nenhum estudo sistemático em nível

¹²⁴ Para o que é da França, Dominique Julia localizou nos arquivos dos colégios do Antigo regime numerosas listas de livros dados como prêmios entre 1762 e 1792: sua análise confirma amplamente esta afirmativa.

¹²⁵ Sobre o papel motriz do mercado do livro de prêmios na França, na segunda metade do século XIX, ver especialmente, «Le livre pour la jeunesse», in Henri-Jean Martin, Roger Chartier (dir.), *Histoire de l'édition française*, t. III: *Le temps des éditeurs? Du Romantisme à la Belle Époque*, Paris, Promodis, 1985, pp. 417-443. Ver também Nicole Prévost, *Livres de prix et distribution dans l'enseignement primaire (1878-1914)*, Paris, École nationale des Chartes, 1979; Christine Élie, *Un grand éditeur catholique. Alfred Mame (1811-1893)*, mémoire de DEA d'histoire sous la direction de Jean-Yves Mollier, Nanterre, Université Paris X Nanterre, 1990; Luciano Pazzaglia (dir.), *La Scuola (1904-2004). Catalogo storico*, Brescia, La Scuola, 2004; Mariella Colin, «La littérature d'enfance et de jeunesse en France et en Italie au XIX^e siècle: traditions et influences», *Chroniques italiennes*, 1992, 2, 30.

mundial¹²⁶, mas a organização de bibliotecas no interior das escolas primárias é uma medida adotada por muitos países na segunda metade do século XIX (bibliotecas escolares na França ou no Québec, *school libraries* na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos, *Schulbibliotheken* nos países de língua alemã, *biblioteche per la scuola* na Itália, etc.). A lista de obras suscetíveis de entrar nesses fundos é fixada por comissões, ao nível local, regional ou nacional, segundo cada país. Mesmo se o título de algumas edições de obras comporta indicações explícitas, os livros de bibliotecas escolares (como aqueles que compõem hoje os fundos dos centros documentários dos estabelecimentos escolares) não constituíram jamais um setor editorial específico: correspondem às escolhas operadas, sobre critérios especialmente educativos e morais, entre as publicações disponíveis no mercado.

As obras ditas paradidáticas, de criação e sobretudo de difusão mais recente¹²⁷, são de natureza muito diversa, mas visam claramente um mercado doméstico, mesmo se, em certos países, essas obras podem igualmente serem utilizadas sob a recomendação expressa dos professores¹²⁸. A regulamentação, a destinação, o financiamento e a distribuição fazem esses produtos diferentes dos manuais, que dispensam uma prescrição institucional; mas sua função (redobrar, completar, aprofundar a mensagem da instituição escolar) e sua concepção (eles se referem, explícita e seguidamente, à uma disciplina e um nível de ensino ou ainda "em torno do programa") estão claramente ligadas ao

¹²⁶ Laurel A. Clyde, «The Schole Lybrarie: Images from Our Past», *IASL Journal: School Library Worldwide*, vol. 5, n° 1, January 1999, pp. 1-16.

¹²⁷ Para a França, é em 1885 que o editor Henry Vuibert inventa o conceito de *Annales*, e em 1933 que foram publicados por Robert Magnard os primeiros cadernos de férias.

¹²⁸ Roxane Rojo, Antônio Augusto Gomes Batista, «School Textbooks in Brazil: a General Review», in Cecília Paula Braslavsky, *Textbooks and Quality Learning for All: some lessons learned from international experiences*, UNESCO, International Bureau of Education, 2006, p. 276.

universo escolar. Em alguns países ocidentais, estas obras são hoje frequentemente utilizadas pelos alunos que as obras prescritas pela instituição (dito de outra forma, os manuais), especialmente nas classes de exame¹²⁹.

3.5 Em direção a uma diversificação e uma hibridização dos suportes

O "livro escolar" conhece depois de algumas décadas uma diversificação de suas funções e suportes.

Na obra fundamental consagrada à pesquisa internacional sobre os livros escolares, Egil Børre Johnsen, primeiro presidente da IARTEM¹³⁰, depois de ter admitido que hoje a definição de um manual (*textbook*) é, desse ponto de vista, geral, que pode incluir outros livros produzidos e publicados com um objetivo educativo, ou mesmo não importa qual livro utilizado em classe, constata que, depois dos anos 1970, prevalece na pesquisa em educação uma outra distinção, mais pragmática, mas também instável e discutível, entre os manuais (*textbooks*) e os meios de ensino (*teaching media*)¹³¹.

Esta distinção não tem uma novidade, independente da panóplia das obras as quais podem ser transferidas as funções específicas (manual, caderno de exercícios, léxicos, etc.);

¹²⁹ Michèle Colin, Charles Coridian, *Les produits éducatifs parascolaires: une réponse à l'inquiétude des familles*, Paris, INRP, 1996 (Politiques, pratiques et acteurs de l'éducation); Kazumi Munakata, *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1997.

¹³⁰ *International Association for Research on Textbooks and Educational Media*. Essa associação, cujos os primeiros estatutos foram definidos em Paris, em 1995, hoje tem sua sede à Tonsberg, na Noruega. Organiza, a cada dois anos, um congresso internacional. Pode-se consultar seu site na internet no endereço: <http://www.iartem.no>

¹³¹ Johnsen conclui sobre a ausência de consenso sobre os critérios de avaliação dos manuais escolares e dos meios de ensino: *Textbooks in the Kaleidoscope...*, *op. cit.*, p. 26.

numerosos outros produtos de finalidades pedagógicas estão entrando progressivamente no domínio da edição clássica (quadro de leitura, cartas murais, imagens fixas ou animadas, discos, televisão,...), mas, até os anos 1980, esses utensílios não são utilizados comumente em classe que como complemento do manual e para atividades precisas. Alguns desses instrumentos são conhecidos, desde a origem, como complementares, indissociáveis das produções impressas para uso nas classes: muitos manuais integram hoje uma cassete ou um CD-Rom, de maneira que eles não podem ser utilizados independentemente dos outros elementos que compõem o conjunto¹³². O caso mais patente – e já antigo¹³³ – dessa hibridização dos suportes (e das práticas) é certamente aquela dos métodos de aprendizagem das línguas vivas, que associam ao manual cadernos de exercícios, fichas de atividade, áudio ou videocassete, CD-Rom ou outros produtos derivados das tecnologias de informação e da comunicação. O manual passa a participar cada vez menos do mundo do impresso e cada vez mais do da multimídia; é assim que as normas da descrição catalográfica internacional foram, por sua vez, abandonando as bibliotecas para investir nas médiатеca.

Hoje, numerosos produtos que usam tecnologias novas, tais como "manuais numéricos"¹³⁴ ou ainda as plataformas numéricas que constituem na página web novos espaços de aprendizagem (os sites pedagógicos das grandes bibliotecas ou

¹³² O manual não pode mais ser *analysado* independentemente de seus «satélites».

¹³³ O *Pathégraphie* primeiro método de ensino de línguas vivas adaptado ao fonógrafo, data de 1913.

¹³⁴ Sobre a história dessas novas ferramentas, ver Pascale Gossin, «Du manuel papier au manuel numérique», in Claire Bélisle (dir.), *La lecture numérique: réalités, enjeux et perspectives*, Villeurbanne, Presses de l'ENNSIB, 2004, pp. 223-254. A nomenclatura não é mais fixada. Ver também, para a situação na França, o dossiê constituído pelo ministério da Educação nacional sobre o manual digital (última atualização 27/11/2007) no endereço <http://www.educnet.education.fr/dossier/manuel/default.htm>

museus, por exemplo) se apresentam como alternativas aos manuais-papel, e a pesquisa histórica sobre o livro escolar deve necessariamente levar em conta o impacto do que se convencionou chamar a revolução tecnológica no domínio da edição clássica¹³⁵.

Podemos falar portanto de uma mutação ou não podemos mais nos basear em uma perspectiva continuísta, na qual o passado permite esclarecer o futuro que não é uma radical novidade¹³⁶? Por outro lado, essas novas ferramentas influem sobre a concepção, a estrutura, a difusão e os usos dos livros escolares impressos, como mostram em evidência o grande número de estudos e pesquisas recentes¹³⁷. Em seguida, parece que o inverso é igualmente verdade: Éric Bruillard sublinha que o modelo pregnante do manual tradicional se sobrepuja, de maneira mais inconsciente mas real, sobre a estrutura e a apresentação das novas ferramentas de ensino e de aprendizagem¹³⁸.

Dessa forma, a diversificação da oferta dos instrumentos educativos não é somente uma conseqüência das evoluções técnicas: é expressão de uma evolução social e pedagógica. A diferenciação das funções didáticas acompanha sua divisão entre os suportes de natureza diversa; a coabitação do ensino escolar e das

¹³⁵ Francesc Raventós Santamaría, José Luis Rodríguez Illera, «El nuevo *software* educativo», in Agustín Escolano Benito (dir.), *Historia ilustrada del libro escolar...*, *op. cit.*, t. II, pp. 421-438.

¹³⁶ Éric Bruillard, Bente Aamotsbakken, Susanne V. Knudsen, Mike Horsley (dir.), *Caught in the Web or Lost in the Textbook. Eighth International Conference on Learning and Educational Media*, Caen, IARTEM, 2006.

¹³⁷ Mike Horsley, Susanne V. Knudsen, Staffan Selander (dir.), "Has Past Passed?" *Textbooks and Educational Media for the 21st Century, seventh IARTEM conference, Bratislava, september 24-27th 2003*, Stockholm/Bratislava, Stockholm Institute of Education Press/IARTEM/Štátny Pedagogický Ústavéoul, 2005 (Stockholm Library of Curriculum Studies, 15).

¹³⁸ Éric Bruillard, «Les manuels scolaires questionnés par la recherche», in Éric Bruillard (dir.), *Manuels scolaires, regards croisés*, Caen, Scéren/CRDP de Basse-Normandie, 2005, pp. 13-36.

informações provenientes de outros recursos dilui as fronteiras da escola, apesar de que com o progresso dos métodos que favorecem iniciativa da criança e associam à pesquisa de documentos e à construção dos saberes, o livro escolar deixa de ser uma referência única: ele perde, no Ocidente ao menos, uma parte de "autoridade" que estava investido até então¹³⁹. Desde o fim dos anos 1970, Karl-Ernst Jeismann nota que a pesquisa não pode mais se acantonar somente sobre os livros escolares: deverá se interessar, portanto, a todos os meios de ensino (*Unterrichtsmittel*) que o complementem, o concorrem ou o substituem¹⁴⁰.

4 Classificações e tipologias

A constituição em vários países de grandes instrumentos de pesquisa teve um papel fundamental no considerável desenvolvimento que a pesquisa sobre a história do livro e da edição escolar teve nestes últimos vinte e cinco anos¹⁴¹: coleção de textos oficiais relativos à política do livro escolar ou aos conteúdos disciplinares, repertórios das editoras escolares, das revistas pedagógicas e, sobretudo, dos manuais escolares¹⁴². São esses

¹³⁹ David R. Olson, «On the Language and Authority of Textbooks», *Journal of Communication*, Winter 1980, n° 30, 1, pp. 186-197; Vagn Skovgaard-Petersen, «Educational Texts and Traditions. An overview», in Staffan Selander (dir.), *Textbooks and educational media. Collected papers 1991-1995*, Stockholm, IARTEM, 1997, p. 6.

¹⁴⁰ Karl-Ernst Jeismann, «Internationale Schulbuchforschung: Aufgaben und Probleme», *Internationale Schulbuchforschung. Zeitschrift des Georg-Eckert Instituts*, 1, 1979, 1, pp. 7-22.

¹⁴¹ Alain Choppin, «L'histoire du livre et de l'édition scolaire: vers un état des lieux», *Paedagogica Historica*, vol. 38, n° 1, 2002, pp. 21-49.

¹⁴² Também foram repertoriados mais de duzentas bibliografias de manuais antigos, limitados a um domínio ou um período dado, visando o mais possível à exaustão, produzidos em quarenta e cinco países. Cinquenta sites dedicados à

trabalhos sistemáticos de recenseamento que, não limitando o objeto a um nível, uma disciplina ou um curto período, nos permitem colocar as questões metodológicas ligadas à definição conceitual e à análise léxica, e, então, à tipologia dos manuais.

O testemunho de Alejandro Tiana Ferrer, um dos fundadores do programa de pesquisa MANES¹⁴³, é muito esclarecedor sobre a função heurística inerente à todo inventário racional: "De um lado, proceder a pesquisa dos manuais e colocá-los em seguida em fichas permite estabelecer uma definição operatória do que entendemos por "manual", enquanto objeto bibliográfico suscetível de ser integrado em uma base de dados. Por outro lado, a evolução dos livros escolares editados permitem examinar os diversos gêneros, que podemos distinguir neste setor da produção editorial"¹⁴⁴.

história dos manuais escolares, em que muitos são banco de dados de dimensão nacional ou internacional, são igualmente consultáveis on-line. Localiza-se uma apresentação de todos esses sites, como seu endereço eletrônico URL, em Paul Aubin, Alain Choppin, «Le fonti storiche in rete: i manuali scolastici», in Gianfranco Bandini, Paolo Bianchini (dir.), *Fare storia in rete. Fonti e modelli di scrittura digitale per la storia dell'educazione, la storia moderna e la storia contemporanea*, Firenze, Carocci, 2007, pp. 53-76 (Collana Studi Storici). A versão francesa desse documento está acessível no endereço eletrônico http://www.inrp.fr/she/pages_pro/choppin.htm

¹⁴³ MANES (MANuais EScolares) é o programa nacional espanhol de pesquisa sobre manuais escolares: ver Paul Aubin, Alain Choppin, *Fare storia in rete...*, *op. cit.*

¹⁴⁴ «Por una parte, el proceso de búsqueda de manuales y su consiguiente fichado han obligado a definir operativamente qué debe entenderse por manual, en cuanto objeto bibliográfico susceptible de integrarse en la base de datos. Por otra parte, la propia evolución de los libros escolares publicados ha obligado a contemplar los diversos géneros que pueden distinguirse en ese ámbito de la producción editorial»: Alejandro Tiana Ferrer, «Investigando la historia de los manuales escolares», in Alejandro Tiana Ferrer (dir.), *El libro escolar...*, *op. cit.*, p. 43.

4.1 *Categorizar pelas práticas, ou pela intenção?*

O livro escolar pode ser definido somente pelo seu uso. É a posição que adotam Dominique Julia ou Agustín Escolano Benito para o período do Antigo Regime: as escolas recorriam aos livros, mesmo que eles não tivessem claramente definidos como instrumentos pedagógicos conhecidos visando um ensino¹⁴⁵. É possível considerar então que toda obra utilizada em uma instituição que ministra um ensino pode ser elevada à categoria dos livros escolares¹⁴⁶. Mas, se nos apegamos a um só critério, ele bastar-se-á então, como nota, não sem humor, Ian Michael, que um professor entusiasta em um escola distribui aos seus alunos exemplares da *Enciclopédia Britânica* para fazê-la de um livro escolar, apesar dessa obra não ter sido redigida como tal¹⁴⁷.

Nós abordamos essa questão para o domínio francês nos inícios dos anos 1980: estávamos dedicados a examinar a evolução da terminologia e havíamos proposto uma primeira classificação, sucetível de se inscrever em uma perspectiva globalizante e diacrônica, que levava em conta por sua vez a história do livro e a história da educação. Distinguimos assim duas categorias de produtos: de um lado, aqueles que foram intencionalmente reconhecidos pelo autor ou pelo editor para um uso "escolar", exclusivo ou não, e aqueles que tinham ou não foram efetivamente utilizados¹⁴⁸; de outro, aqueles que não foram concebidos com fins

¹⁴⁵ Dominique Julia, «Livres de classe et usages pédagogiques», in Henri-Jean Martin, Roger Chartier (dir.), *Histoire de l'édition française, op. cit.*, t. II, pp. 468-497; Agustín Escolano Benito, «Libros para la escuela. La primera generación de manuales escolares», in Agustín Escolano Benito (dir.), *Historia ilustrada del libro escolar...*, op. cit., t. I, pp. 19-46.

¹⁴⁶ Reinhard Horner, «Schulbücher und Bücher in der Schule», *Erziehung und Unterricht*, 120 Jahrgang, Heft 3, 1970, pp. 152-157.

¹⁴⁷ Ian Michael, «Aspects of Textbook Research», art. cit., p. 5.

¹⁴⁸ Essa última precisão é capital porque, em vários países, a regulamentação submetida ou a submeter-se a utilização dos livros escolares à uma autorização prévia da administração. Um número muito grande de obras conhecidas (e

educativos, mas que adquiriram posteriormente uma dimensão escolar, seja pelo uso, que não podemos precisar se foi permanente ou generalizado no contexto da escola, seja em virtude de uma decisão administrativa que lhe conferiu explicitamente¹⁴⁹.

Esta distinção entre a intenção de uso e o uso efetivo constitui uma linha forte de separação entre os estudos que examinam o manual sob o ângulo da produção e da difusão (isto é, do prescrito, do normativo) e aqueles que o consideram sob o ângulo dos usos (isto é, das práticas) e da recepção. Ela foi retomada (e discutida) ultimamente por vários pesquisadores¹⁵⁰, como David Hamilton: "O problema conceitual fundamental é sem dúvida descobrir um meio de distinguir os manuais (*textbooks*) dos livros escolares (*schoolbooks*). Minha posição pessoal, e não é admirável, é que os manuais refletem manifestamente as preocupações pedagógicas. O que significa que um manual não é simplesmente um livro utilizado na escola. É, de preferência, um livro que foi conscientemente concebido e organizado para servir aos objetivos de instrução"¹⁵¹. Para Christopher Stray, esta distinção resulta de uma evolução histórica: "A distinção entre

impressas na maioria das vezes) para uso das classes não são ou não foram jamais introduzidas, por não terem obtido a autorização necessária.

¹⁴⁹ Alain Choppin, *L'histoire des manuels scolaires...*, op. cit., pp. 2-6. Nós tivemos a ocasião de rever e aprofundar essa reflexão alguns anos mais tarde, em *Les manuels scolaires: histoire et actualité*, op. cit., pp. 6-21.

¹⁵⁰ «O livro "escolar" é, seja um livro utilizado para ensinar e aprender, seja um livro propositadamente feito para ensinar e aprender»: Magda Becker Soares, «Um olhar sobre o livro didático», *Presença Pedagógica* (Belo Horizonte), 2, 12, setembro-outubro 1996, p. 57; ver também, entre outros, Tulio Ramírez, «El texto escolar como objeto de reflexión e investigación», *Revista Docencia Universitaria* (Caracas), 3, 1, 2002, p. 104.

¹⁵¹ «Perhaps the fundamental conceptual problem is to find a way of distinguishing textbooks from schoolbooks. Not surprisingly, my own stance is that textbooks visibly reflect pedagogic considerations. That is, a textbook is not just a book used in schools. Rather, it is a book that has been consciously designed and organised to serve the ends of schooling»: David Hamilton, «What is a textbook?», art. cit., p. 5.

textbooks e *schoolbooks* não é somente fruto de um exercício de definição puramente escolástica. É o resultado de um processo histórico que podemos acompanhar através do uso das palavras"¹⁵². Segundo Stray, o termo *schoolbook*, presente na Grã Bretanha desde 1683, com um uso corrente a partir de 1770, apesar que *textbook* (ou seu sinônimo *text-book*) não aparece antes de 1830¹⁵³.

Admitir que os termos *manual* ou *textbook* designam uma obra conhecida e produzida para a instrução sem implicar uma destinação escolar pode resultar algumas aparentes redundâncias de expressões como *manual escolar* ou *school textbook*, mas esta distinção lexical parece mais teórica que real, e é raramente respeitada, mesmo pelos pesquisadores.

É o critério intencional, que é o mais seguidamente fixado por todos que procuram isolar a produção escolar, e, em primeiro lugar, os editores eles mesmos. A tipologia que elaborou na França o Syndicat national de l'édition [Sindicato Nacional da Edição] (mas encontramos semelhanças na maioria dos países) para elaborar suas estatísticas anuais da produção e das vendas da edição nacional se inscreve sob uma perspectiva econômica. Os livros escolares formam uma rubrica particular, porque correspondem, independentemente de seus conteúdos, um mercado específico e claramente delimitado: esta rubrica "compreende, de uma parte, todas as obras indicadas e que correspondem aos programas estabelecidos pelo Ministério da Educação Nacional e que são obrigatoriamente utilizados pelos alunos em classe, de outra parte, as obras paradidáticas"¹⁵⁴. As subdivisões (ensino pré-elementar e primário; ensino secundário, ensino técnico; e, depois no início dos anos 1970, paradidáticos) não remete à considerações pedagógicas ou disciplinares, mas às características próprias de cada segmento de mercado (programas e

¹⁵² Christopher Stray, «*Quia nominor leo...*», art. cit., pp. 73-74.

¹⁵³ *Ibid.*

¹⁵⁴ Syndicat national de l'édition, *L'édition de livres en France*, op. cit., pp. 59 sqq.

instruções, categoria de prescritores; tipo de financiamento – municipalidades, Estado, conselho regional, famílias; circuito de distribuição; etc.): "Do ponto de vista dos editores, o paraescolar é um conceito comercial, não um conceito intelectual", sublinha o brasileiro Kazumi Munakata¹⁵⁵. É porque os "livros do professor" – geralmente produzidos no bojo do livro de aluno pelos mesmos autores – são classificados na rubrica "livros científicos e técnicos: livros de ciências humanas" com as obras gerais sobre educação.

O critério intencional é também privilegiado pelos historiadores que procuram efetuar o recenseamento dos manuais. Mas o manual escolar não é um produto fixo, imutável: sua existência, funções, forma, seus usos dependem de múltiplos fatores nos quais os contextos geográfico, histórico e cultural têm, apesar de outros, um papel determinante. Em uma perspectiva histórica, internacional, e *a fortiori* comparativa, não posso evitar, que temos, uma certa aproximação.

A subjetividade tem algum papel na definição do manual. O britânico Geoffrey Hugh Harper, se interroga, há quase um quarto de século, sobre a definição daquilo que convém ser considerado como livro escolar (*textbook*). Escreve: "Em síntese, os livros indubitavelmente escolares podem fundir-se na literatura de recreação, no mesmo título que as obras conhecidas para educação doméstica, ou nos textos literários, que comportam alguma ou nenhuma anotação para uso das crianças; ou, para o topo do fracasso educativo, os livros escolares podem não se distinguir mais das obras de pesquisa (em ciência, por exemplo)". E Harper conclui: "Não há provavelmente uma regra geral que permita "definir" o livro escolar sem estabelecer uma fronteira

¹⁵⁵ «Do ponto de vista dos editores, paradidático é uma concepção comercial e não intelectual»: Kazumi Munakata, *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*, op. cit., p. 102.

arbitrária e irrealista [...]. Colocar os livros de um lado ou de outro [...] é uma tarefa de subjetividade"¹⁵⁶.

Mas a definição do manual tem também a ver com o estado dos conhecimentos históricos: fazendo o ponto sobre os "serviços" que possibilitam pesquisar os repertórios dos manuais escolares, Michel Berré se pergunta sobre a maneira como eles são elaborados, sublinha seu interesse, mas mostra também seus limites. Para constituir seu repertório sobre os manuais de ensino da língua francesa em flamengo, publicados na Bélgica de 1831 à 1900, apoia-se na identificação da intenção de uso: considera dois critérios, aquele da menção explícita e aquele da evidência do conteúdo. Mas, constata, "na nossa procura pelos manuais, nós também encontramos 'obras bizarras' que não se identificam com aquelas que conhecemos hoje. A mudança concerne mais do estatuto escolar da obra que da divisão disciplinar na qual se inscreve. [...] Em muitos casos, tivemos a impressão ao examinarmos alguns manuais que a nossa dificuldade em 'dar sentido' às obras elogiadas pela nossa maneira atual de pensar a escola e de representarmos seu passado porque queremos dar uma resposta satisfatória à questão: "Mas a que podem elas bem servir?"¹⁵⁷. Da mesma forma, comparando o conteúdo de seu repertório à uma série de listas elaboradas em nível local, listas que são suscetíveis de esclarecer sobre os manuais que podem ter sido

¹⁵⁶ «Briefly, undoubted textbooks may shade off into entertaining literature, with books intended for home education along the continuum somewhere; or into the literature "text" with little or no annotation for pupils; or, at the upper hand of the educational scale, textbooks may become indistinguishable from research monographs (in science, for instance). There is probably no general way to define "textbook" without creating an arbitrary or unrealistic boundary. [...] The assignment of books [...] will normally be a subjective affair»: Geoffrey Hugh Harper, «Textbooks: An under-used Source», art. cit., p. 33.

¹⁵⁷ Michel Berré, «Les manuels scolaires dans l'histoire de l'enseignement des langues: intérêt et limites des répertoires pour la constitution d'un domaine de recherche», in Monique Lebrun (dir.), *Le manuel scolaire...*, op. cit., CD-Rom, partie 8, texte 1, p. 7.

utilizados pelos professores, constatamos divergências entre a lista de títulos que foram destinadas (intenção de uso) e aquelas das obras que foram verdadeiramente utilizadas (presunção de uso).

4.2 O recurso a outros critérios

Alguns pesquisadores introduziram critérios de natureza regulamentária, pedagógica, editorial ou ainda econômica para constituir seu *corpus*. Bernat Sureda García, recenseou a produção escolar das Ilhas Baleares, adotando, além do critério intencional (isto é, intenção deliberada dos autores ou dos editores de publicar uma obra para uso do ensino), dois outros critérios: o critério formal e o critério legal¹⁵⁸. São considerados como livros escolares, decorrente do critério formal (*critério formal*), todas as publicações em que o conteúdo coincide com uma ou mais matérias ensinadas em um ou mais níveis de ensino e em que a estrutura se adapta ao curso, lições ou temas de um programa escolar. O pesquisador estima que esse tipo de obra corresponde ao livro escolar no sentido mais estrito, mas considera também deve ser levados em conta os programas que apresentam, dando mais ou menos desenvolvimento aos conteúdos de uma ou mais disciplinas. As publicações que satisfazem o critério legal (*critério legal*) são aquelas que obtiveram da autoridade competente na área de educação, seja ela civil ou religiosa, nacional ou local, a autorização (*a fortiori* a obrigação) de ser utilizada no ensino. Sureda nega ao contrário todo o estatuto escolar das obras que, mesmo se seu uso é atestado nas classes, não apresentam nenhum dos três critérios (intencional, formal ou legal) que definiu.

Para Gabriela Ossenbach Sauter, da UNED de Madrid, e Miguel Somoza, da Universidade de Buenos Aires¹⁵⁹, os

¹⁵⁸ Bernat Sureda García, Jordi Vallespir Soller, Elies Allies Pons, *La producción de obras escolares en Baleares...*, *op. cit.*, pp. 13-14.

¹⁵⁹ Gabriela Ossenbach Sauter, Miguel Somoza, *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*, *op. cit.*, p. 20.

manuais têm em comum cinco características: a intenção manifestada pelo autor ou editor de destinar expressamente a obra para uso escolar; a apresentação sistemática dos conteúdos; a adequação ao trabalho pedagógico, a complexidade dos conteúdos deve ser proporcional à maturidade intelectual e afetiva dos alunos; a conformidade com a regulamentação que há sobre os conteúdos de ensino, sua extensão e a maneira que eles devem ser tratados; a intervenção administrativa e política do Estado, pelo conjunto da regulamentação evocada anteriormente (seleção, hierarquização ou exclusão dos saberes e dos valores) e/ou da autorização explícita ou implícita definida após a publicação da obra.

4.3 *As tentativas de tipologias*

A preocupação de multiplicar os critérios de identificação (as características partilhadas pelo conjunto dos objetos recenseados), está geralmente de par com aquela de definir, no conjunto da população inventariada, as categorias distintas. Diversas tipologias, mais ou menos complexas, têm proposto considerar uma parte ou o conjunto da produção escolar global¹⁶⁰. Nós retiramos como exemplo aquelas que constituíram Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano Benito, porque elas integram as mais elaboradas e originais.

A tipologia apresentada por A. Viñao Frago repousa sobre a lista de denominações as mais usuais empregadas para designar os livros escolares espanhóis na época de sua produção¹⁶¹.

¹⁶⁰ Jacques Priouret, *Réflexion sur le statut paradoxal du livre scolaire*, thèse sous la dir. de Guy Avanzini, Université Lyon II, 1977, pp. 514-529; Ian Michael, *The Teaching of English: from the sixteenth century to 1870*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987; Alain Choppin, *Les manuels scolaires: histoire et actualité*, op. cit., pp. 142-148; etc.

¹⁶¹ Antonio Viñao Frago, «La Catalogación de los manuales escolares y la historia de las disciplinas a través de sus denominaciones», in Alejandro Tiana Ferrer (dir.), *El Libro escolar, reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas*, op. cit., p. 451-469.

Mas não é um simples inventário: esse trabalho original sobre o léxico se inscreve claramente no quadro da história das disciplinas, de sua gênese, evolução e das mudanças que permitem entrever a diversidade de suas designações, seus reagrupamentos ou suas diferenciações. Viñao Frago afirma que esse trabalho pode servir não somente para catalogar os manuais escolares, mas pode também constituir um material de base para determinar a possível interação e as influências recíprocas entre o ato oficial das disciplinas e os títulos e os conteúdos dos manuais escolares, ou ainda para analisar quais termos – quais adjetivos, por exemplo – vêm se juntar aos termos utilizados para designar as disciplinas.

A. Escolano Benito tenta, por sua parte, listar os diversos critérios segundo os quais os manuais escolares (*manuales escolares*) podem ser classificados em relação à evolução do sistema escolar¹⁶². Depois de assinalar a distinção tradicional entre os livros de leitura (*libros de lectura*) e os livros disciplinares (*libros de materias*)¹⁶³, conclui que os manuais escolares podem ser classificados, decorrente dessa repartição, segundo outros critérios: em função das disciplinas ou das matérias do programa que tratam, do grau ou do nível aos quais se destinam, do tipo de atividade didática que indicam (estudo, leitura, trabalho, consulta) e dos gêneros ou modelos textuais que adotam para transmitir seus conteúdos. Ele distingue seis tipos que se diferenciam pela sua estrutura, seus modos de expressão e os procedimentos didáticos aos quais recorrem; de fato, esta tipologia se apóia também sobre critérios de natureza pedagógica.

Mas essas tipologias, qualquer que seja o interesse, não são universais: elas variam segundo os ares geográficos e culturais, como atestam especialmente as dificuldades para a constituição de

¹⁶² Agustín Escolano Benito, «Tipología de libros y géneros textuales en los manuales de la escuela tradicional», *ibid.*, pp. 439-449.

¹⁶³ Fernando Sainz, *El libro en la enseñanza*, op. cit.; Adolfo Maíllo, *Los libros escolares*, Madrid, Rivadeneyra, 1967.

grades de análise comuns à interrogação dos bancos de dados que recenseiam a produção escolar de diversos países¹⁶⁴.

*

* *

Então, definitivamente, quando o manual escolar aparece? Não parece certa a questão assim formulada, essa questão tem um sentido, mas em todo caso, ela suscita muitas respostas. A opinião mais correntemente admitida é colocada por Antonio Petrus Rotger: "Resulta que podemos, na nossa cultura ocidental, distinguir dois períodos na história do livro escolar ou do livro de texto: aquele que se reporta aos séculos XVI, XVII e XVIII, e aquele que está ligado às mudanças que são produzidas nos séculos XIX e XX. No primeiro período, aparece a imprensa e a tecnologia que o torna possível, assim como o ensino, a extensão e a oficialização das línguas vernáculas. O segundo está associado à renovação das técnicas de impressão e ao reconhecimento do livro escolar como instrumento de base da difusão e da organização democrática do ensino"¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Um sistema de interrogação simultânea («multiopac») dos bancos de dados recenseando a produção nacional dos manuais escolares (França, Espanha, Bélgica, Itália, Alemanha, Canadá anglo e francófono, Brasil...) está em curso de realização. Cf. note 138.

¹⁶⁵ «De ahí que, en nuestra cultura occidental, podamos diferenciar dos períodos en la historia del libro escolar o libro de texto: el que hace referencia a los siglos XVI, XVII y XVIII, y el que va asociado a los cambios producidos en los siglos XIX y XX. En el primero de ellos surge la imprenta y la tecnología que la hizo posible, así como la enseñanza, extensión y formalización de las lenguas vernáculas. El segundo período va asociado a la renovación de las técnicas de impresión y a la consideración del libro escolar como instrumento básico para la difusión y organización democrática de la enseñanza»: Antonio Petrus Rotger, «Tecnología del libro escolar tradicional: diseño, iconografía y artes gráficas», in Agustín Escolano Benito (dir.), *Historia ilustrada del libro escolar...*, op. cit., t. I, pp. 102-103. Um fenômeno comparável se observa, um pouco mais tarde, nos países do Norte da Europa. Cf. Vagn Skovgaard-Petersen, «Educational Texts and Tradition...», in Staffan Selander (dir.), *Textbooks and educational media*, op. cit., pp. 1-8.

Mas outros fatores podem explicar esta ruptura – ou antes essa mutação –, especialmente a formação dos Estados nações, o advento do capitalismo da edição e a difusão dos novos métodos de ensino. Os novos Estados têm, para a maioria, procurado organizar e desenvolver os sistemas educativos específicos e a instaurar regulamentos particulares, favorecendo assim a constituição de literaturas escolares nacionais para divulgar, senão sempre uma língua única, ao menos um conjunto de referências comuns¹⁶⁶. Por outra via, o movimento de massificação do ensino popular que conhecemos, cada um segundo seu ritmo, os países europeus e algumas de suas (antigas) colônias, abriram ao mundo da edição um mercado potencial considerável próprio à fornecer capitais e idéias, provocando uma especialização e uma concentração da produção. Como assinala oportunamente Christopher Stray, o papel do mercado da edição é então particularmente importante nos países onde, como na Inglaterra no século XIX, o Estado não se preocupa que muito tardiamente das questões de educação¹⁶⁷. Por fim, o interesse manifestado, a partir da metade do século XVIII, por tudo que se trata da educação da infância, mais a renovação dos métodos pedagógicos (especialmente com o progresso do ensino simultâneo, que supõe que todos os alunos devem estar munidos de instrumentos uniformes), provocam um crescimento, mas também uma racionalização, uma normalização, uma estandartização da produção impressa escolar.

¹⁶⁶ Anne-Marie Thiesse, *La création des identités nationales. Europe XVIII^e-XIX^e siècles*, Paris, Seuil, 1999 (L'Univers historique); Patrick Cabanel, *Le Tour de la nation...*, *op. cit.*

¹⁶⁷ Christopher Stray, «*Quia nominor leo...*», art. cit., p. 75. Esta particularidade não é sem dúvida estranha à importância que os pesquisadores anglo-saxões, que se interessam pelos manuais – e especialmente os historiadores – concordam, contrariando as tradições francesa, alemã ou japonesa, as questões econômicas e comerciais.

Mas esta análise, nós já assinalamos, não é partilhada por todos os historiadores¹⁶⁸: todas essas considerações, que se referem somente à cultura ocidental e onde a lista pode ser seguramente aumentada, remete às concepções divergentes do que é ou do que foi o livro escolar. Essa definição varia segundo os lugares, as épocas, os suportes, os níveis e as matérias de ensino, as vezes dos contextos políticos, econômicos, social, cultural, estético, ... mas também, e sobretudo, em função da problemática científica no qual se insere. Como todo objeto de pesquisa, o livro escolar não é um dado, mas o resultado de uma construção intelectual: não pode então ter uma definição única. É, ao contrário, indispensável explicitar os critérios que presidem esta elaboração conceitual, porque uma das principais insuficiências – muitas vezes denunciadas – da pesquisa histórica sobre os manuais escolares, e especialmente da pesquisa comparada¹⁶⁹, reside sempre, como assinala ainda recentemente Annie Bruter, "no

¹⁶⁸ Anthony T. Grafton situa a aparição do manual na Renascença, período que os colégios jesuítas adotam e difundem o método de ensino simultâneo, mas também o período durante o qual se elabora um novo tipo de discurso pedagógico, inspirado especialmente nos trabalhos de Pierre de la Ramée sobre a organização espacial dos conhecimentos: «Teacher, text and pupil in the Renaissance classroom; a case study from a parisian college», *History of Universities*, 1, 1981, p. 47. O historiador francês Louis Trénard localiza o nascimento do manual escolar moderno na França nos anos 1760, com a tomada de consciência de uma reforma necessária do sistema educativo: «Une Révolution... La naissance du manuel scolaire, 1760-1800», *Les Cahiers aubois d'histoire de l'éducation*, 1988, n° spécial 10-a, pp. 51-80. Segundo Hans Christian Harten, o manual escolar aparece nos primeiros anos da revolução, com a publicação dos primeiros catecismos republicanos: *Les Écrits pédagogiques sous la Révolution. Répertoire établi par Hans Christian Harten avec la collaboration du Service d'histoire de l'Éducation, sous la direction d'Alain Choppin*, Paris, INRP, 1989.

¹⁶⁹ Jason Nicholls (dir.), *School History Textbooks across Cultures: International Debates and Perspectives*, Oxford, Symposium Books, 2006 (Oxford Studies in Comparative Education, 15-2).

caráter de alguma forma *natural*, ahistórico, dos manuais escolares aos olhos de muitos historiadores"¹⁷⁰.

Alain Choppin é professor pesquisador no Service d'histoire de l'éducation (INRP-ENS). Suas pesquisas, que se articulam em torno da constituição de banco de dados Emmanuelle (recenseamento da produção dos manuais escolares franceses desde 1789), relativas à história do livro e da edição escolar e universitária, sob seus múltiplos aspectos (regulamentação, concepção, produção, difusão, recepção, usos, etc.). Lançado em 1979, este programa pioneiro e ambicioso tem inspirado e continua a inspirar a pesquisa em numerosos países estrangeiros. E-mail: alain.choppin@inrp.fr

Maria Helena Camara Bastos é professora Titular em História da Educação. Atualmente é professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora CNPq. Atua na área História da Educação, com pesquisas nos seguintes temas: ensino laico e liberdade do ensino no século XIX; história de impressos de educação e de ensino; livros, leitura e leitores na escola brasileira. E-mail: mhbastos@pucrs.br

Recebido em 20/10/2008

Aceito em 15/11/2008

¹⁷⁰ Annie Bruter, «Les abrégés d'histoire d'Ancien Régime en France (XVII^e-XVIII^e siècles)», in Jean-Louis Jadoulle (dir.), *Les manuels scolaires d'histoire, op. cit.*, p. 12.